



Universidade Estadual do Paraná

Credenciada pelo Decreto Estadual n. 9538, de 05/12/2013.

Campus de Curitiba II-FAP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

Mestrado Profissional em Artes



EDINA HONORATO GONÇALVES

O TEATRO NA ESCOLA E A TRAJETÓRIA EDUCACIONAL
DE ESTUDANTES INSERIDOS NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS – EJA

CURITIBA

2022

EDINA HONORATO GONÇALVES

O TEATRO NA ESCOLA E A TRAJETÓRIA EDUCACIONAL
DE ESTUDANTES INSERIDOS NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Artes, do curso de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Artes da Universidade Estadual do Paraná, Linha de pesquisa Experiências e Mediações nas relações educacionais em Artes.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Robson Rosseto

CURITIBA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635t
Gonçalves, Edina Honorato.

O teatro na escola e a trajetória educacional de estudantes inseridos na educação de jovens e adultos - EJA. / Edina Honorato Gonçalves. – Curitiba, 2022.
112 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Robson Rosseto.

Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual do Paraná – Campus Curitiba II - FAP - Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Artes. Curitiba, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Pedagogia teatral. 2. Ensino Médio - EJA. 3. Abandono escolar. 4. Retorno. I. Universidade Estadual do Paraná. Programa de Pós - Graduação – Mestrado em Artes. II. Rosseto, Robson. III. Título.

CDD: 792
CDU: 792:374.3

Catalogação na publicação elaborada por Mauro Cândido dos Santos – CRB 9ª/1416.



Universidade Estadual do Paraná
Credenciada pelo Decreto Estadual n. 9538, de 05/12/2013.
Campus de Curitiba II-FAP



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

ATA nº 5/2022 - PPGARTES
BANCA DE DEFESA

No dia vinte e sete de abril de 2022, às quatorze horas, através de chamada de vídeo pelo aplicativo *Google Meet* devido às medidas de isolamento social, pela pandemia da COVID-19, às recomendações para evitar aglomerações, bem como às determinações dos órgãos competentes e ainda à Resolução 001 e 002/2020 REITORIA/UNESPAR, os Memorandos 022 e 026/2020 PROGRAD/UNESPAR e o Informativo 01/2020 PROGRAD/UNESPAR e a Orientação 01/2020 PROGRAD/UNESPAR, realizou-se a Banca de Defesa do Trabalho Acadêmico intitulado O teatro na escola e a trajetória educacional de estudantes inseridos na Educação de Jovens e Adultos – EJA da mestrandia Edina Honorato Gonçalves, que contou com a presença do professor doutor Robson Rosseto (orientador), e das professoras doutoras Marlete dos Anjos Silva Schaffrath e Guaraci da Silva Lopes Martins, como membros titulares da banca avaliadora. Após a avaliação do Trabalho Acadêmico, a banca deliberou pela aprovação da pesquisa. Nada mais havendo a discutir, a Banca de Defesa deu-se por encerrada e eu, professor orientador e presidente da banca, lavrei a presente ata, que segue assinada por mim e pelos demais membros da banca de avaliação.

Prof. Dr. Robson Rosseto (UNESPAR) – orientador

Profa. Dra. Marlete dos Anjos Silva Schaffrath (UNESPAR)

Profa. Dra. Guaraci da Silva Lopes Martins (UNESPAR)

AGRADECIMENTO

Meus agradecimentos aos estudantes, que fizeram parte fundamental desta pesquisa, aos professores e equipe diretiva do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos – CEEBJA-CIC, localizado na cidade de Curitiba/PR.

Ao elenco da peça teatral “Minha vida acabou! Será? Que prontamente aceitaram abrilhantar minha pesquisa de campo. Peça teatral que foi escrita especialmente para o Teatro Fórum, tendo como tema situações geradoras de abandono e de retorno na modalidade escolar EJA e apresentada para as participantes envolvidas, objeto principal desta pesquisa. Em especial à minha amiga Wilza Santos que integrou o elenco.

Aos meus companheiros de todas as horas, Nilton César, meu marido, Maria Verônica e Arthur César, meus filhos amados. À minha querida mãe Verônica, que me inspirou na escolha da Educação de Jovens e Adultos como objeto de pesquisa.

À professora, doutora Guaraci Martins, que pegou em minha mão e me guiou nos primeiros passos desta pesquisa, minha primeira orientadora na trajetória desta pesquisa, que merecidamente se aposentou depois de ter contribuído na formação de muitos artistas-docentes, pela UNESPAR – FAP.

Aos colegas de curso do mestrado, em especial a minha amiga Roberta Jorge da Silva Wisnievski, que compartilhou comigo vários momentos importantes desta trajetória.

À Coordenação do Programa de Mestrado Dr^a Solange Straub Stecz.

A todos os professores do PPGARTES, *Campus Curitiba II*.

À banca avaliadora, composta pelos professores doutores: Marlete dos Anjos Silva Schaffrath, Guaraci da Silva Lopes Martins, Cauê Kruger, Fábio Henrique Nunes Medeiros.

Ao meu orientador Professor, Doutor Robson Rosseto, que prontamente assumiu a orientação desta pesquisa, contribuindo brilhantemente para que esta fosse concluída com sucesso.

A todos, muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa objetiva realizar um estudo sobre o ensino do teatro na Educação de Jovens e Adultos – EJA, tendo como base uma pesquisa de campo, qualitativa exploratória. O objetivo central desta investigação é identificar as questões que implicam no abandono e retorno dos estudantes inseridos nesta modalidade específica de ensino, a partir de processos cênicos relacionados à história de vida dos participantes. Para tanto, adota-se como principal base teórica as contribuições de pesquisadores da Educação, especialmente Paulo Freire (1984, 2004), cabendo destacar da área teatral, Augusto Boal (2001, 2009, 2012), Carmela Soares (2006, 2010) e Viola Spolin (2006, 2008). Ao longo da pesquisa de campo, no segundo bimestre do ano de 2021, realizou-se jogos e improvisações cênicas com uma turma composta por estudantes matriculados no Ensino Médio ofertado pelo Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos - (CEEBJA), situado em um bairro periférico de Curitiba. Os participantes envolvidos desenvolveram diversas atividades teatrais, por meio do ensino remoto em ambiente virtual, com enfoque nas situações geradoras de abandono e de retorno na modalidade escolar EJA. Neste sentido, as práticas realizadas se basearam nos pressupostos do Teatro do Oprimido, especialmente o Teatro Fórum, o Teatro Imagem e o Teatro Jornal, assim como, às propostas teatrais desenvolvidas por Viola Spolin. No decurso da carreira acadêmica e profissional da autora deste estudo, observou-se a relevância do teatro no espaço educacional, na medida em que propicia a vivência de emoções, sentimentos e situações até então jamais experimentadas e que podem ser alvo de debate entre todos os envolvidos. Na análise das experiências teatrais, constatou-se o alto índice de abandono escolar entre os jovens que, em função de condições adversas, dentre a principal destaca-se a gravidez precoce e a necessidade de trabalhar, deixaram de frequentar os bancos escolares convencionais na idade apropriada. O trabalho realizado problematiza o contexto social brasileiro marcado pela marginalização, exclusão e opressão de sujeitos que buscam concluir os seus estudos movidos pela perspectiva de inserção produtiva no mercado do trabalho.

Palavras-chave: EJA; ensino médio; pedagogia teatral; abandono; retorno.

ABSTRACT

This research has the goal of accomplish a study about the theater learning in Adults and Youth education EJA (Educação de Jovens e Adultos), having as base a qualitative exploratory field research. The main goal of this investigation is to identify questions that imply on abandonment and return of the students inserted in this specific learning modality, from scenic processes related to the participants' life history. In order to do so, the contributions of Education researchers are adopted as the main theoretical basis, especially Paulo Freire (1984, 2004), highlighting the theatrical area, Augusto Boal (2001, 2009, 2012), Carmela Soares (2006, 2010) e Viola Spolin (2006, 2008). During the field research, in the second bimester of 2021, games and scenic improvisations were carried out with a class composed of high school students enrolled in Basic Education center for Youth and Adults CEEBJA (Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos), located in a peripheral neighborhood of Curitiba. The involved participants developed many theatrical activities by remote learning in a virtual environment, focusing on situations that generate abandonment and return in EJA school modality. In this sense, the practices carried out were based on the assumptions of the Oppressed, especially the Forum Theater, the Image Theater, and the Jornal Theater, as well as the theatrical proposals developed by Viola Spolin. During the academic and professional career of this study author, the relevance of the theater in the educational space was observed, insofar as it provides the emotion experience, feelings and situations never before experienced and that can be the subject of debate among all the students involved. In the analysis of the theatrical experiences, a high rate of school dropout was observed among young people who, due to adverse conditions, among the main ones, precocious pregnancy and the need of working, stopped attending conventional school benches at the appropriate age. The work carried out problematizes the Brazilian social context marked by marginalization, exclusion and oppression of subjects who seek to complete their studies driven by the perspective of productive insertion in the labor market.

Keywords: EJA; high school; theatrical pedagogy; abandonment; return.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Localização do ambiente escolar para desenvolvimento da pesquisa	54
Figura 02 - Aula introdutória 01	61
Figura 03 - Aula introdutória 02.....	61
Figura 04 - Aula introdutória 03.....	62
Figura 05 – Jogo Teatral Só perguntas 01.....	63
Figura 06 – Jogo Teatral Só perguntas 02.....	64
Figura 07 – Jogo Teatral Só perguntas 03.....	64
Figura 08 - Primeira parte da aula – aquecimento corporal (estudantes)	65
Figura 09 - Prática com teatro imagem 01	67
Figura 10 - Prática com teatro imagem 02	67
Figura 11 - Prática com teatro imagem 03	68
Figura 12 - Prática com teatro imagem 04	68
Figura 13 - Prática com teatro imagem 05	69
Figura 14 - Prática com teatro fórum 01	70
Figura 15 - Prática com teatro fórum 02	70
Figura 16 - Prática com teatro fórum 03	71
Figura 17 - Prática com teatro fórum 04	71
Figura 18 - Prática com teatro fórum 05	72
Figura 19 - Prática com teatro jornal (leitura da reportagem realizada pela estudante)	73
Figura 20 - Prática com teatro jornal (leitura da reportagem realizada pela professora)	73
Figura 21 - Prática com teatro jornal ação paralela	74
Figura 22 - Prática com teatro jornal improvisação	74
Figura 23 - Prática com teatro fórum: acolhida	77
Figura 24 – Prática com teatro fórum: abertura do fórum	77
Figura 25 - Prática com teatro fórum: encerramento da apresentação	78

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLA

APED'S – Ações Pedagógicas descentralizadas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEEBJA – CIC – Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos – Cidade Industrial

CEFAM – Colégio Estadual Franciso de Azevedo Macedo

CNAEJA – Comissão Nacional de Alfabetização de Jovens e Adultos

CNE/CP – Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

EAD – Educação a Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FAEB – Federação de Arte-educadores do Brasil

FAP – Faculdade de Artes do Paraná

FIEP – Federação das Indústrias do Paraná

FGB – Formação Geral Básica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICIRA – Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária

IF – Itinerário Formativo

INEP – Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira

MEC – Ministério da Educação

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

NEM – Novo Ensino Médio

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNAD – Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio

PROEJA – Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio

PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens

PUC – SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PSS – Processo Seletivo Simplificado

QPM – Quadro Próprio do Magistério

SEED – Secretaria de Estado de Educação

SESI – Serviço Social da Indústria

TO – Teatro do Oprimido

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação a Ciência e a Cultura

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1. POLÍTICAS PÚBLICAS E O ENSINO DA ARTE NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA.....	16
1.1 O ensino do teatro na escola pública: metodologia de ensino na formação de jovens e adultos.....	16
1.1.1. Diálogo entre Augusto Boal e Viola Spolin: teatro do oprimido e o sistema de jogos teatrais.....	23
1.2 Escolarização de jovens e adultos: análise sobre a sua trajetória na história da educação brasileira.....	29
1.2.1 Abordagem sobre o perfil dos estudantes: permanência, abandono e retorno.....	36
1.2.2 EJA: Proposta pedagógica curricular para o Ensino da Arte	43
CAPÍTULO 2. UM ESTUDO DE CASO.....	50
2.1 Metodologia da Pesquisa	50
2.2 Caracterização do ambiente educacional da pesquisa: Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos – CEEBJA/CIC.....	52
2.3 A Educação e o Teatro em tempos de pandemia de Covid19.....	55
2.4 Descrição reflexiva do processo teatral: a história de vida em cena.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	82
ANEXO 1 QUESTIONÁRIO COM PROFESSORES DE ARTE DO CEEBJA – CIC.....	86
ANEXO 2 QUESTIONÁRIO COM A DIRETORA DO CEEBJA – CIC.....	93
ANEXO 3 QUESTIONÁRIO COM ESTUDANTES DA DISCIPLINA DE ARTE DO CEEBJA – CIC.....	96

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, com abordagem qualitativa, associa os estudos teóricos à pesquisa de campo e tem como objetivo ampliar a compreensão sobre os principais fatores que implicam no abandono e retomada dos estudantes da EJA. A fundamentação teórica desta pesquisa se pauta em autores com pesquisas voltadas para a pedagogia teatral, principalmente Augusto Boal, Carminda Mendes André e Viola Spolin e também em pesquisadores da Educação, cabendo destacar as obras de Paulo Freire. A pesquisa de campo ocorreu na disciplina Arte que tem a professora Nilza Regina Melo¹ como regente de turma no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos – CEEBJA-CIC, localizado na cidade de Curitiba/PR, ambiente no qual me utilizei de atividades teatrais distintas pautadas na trajetória de vida dos participantes, principalmente no que se refere ao seu processo educacional.

Para tanto, no objetivo geral me propus à identificar as questões que implicam no abandono e retorno dos estudantes da EJA, a partir de processos cênicos associados ao seu histórico de vida. Para atingir tal objetivo lancei os seguintes objetivos específicos: a) investigar o perfil dos estudantes da EJA no Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos - (CEEBJA); b) possibilitar por meio da linguagem teatral processos de ensino e aprendizagem; c) analisar atividades teatrais que estimulem a reflexão dos participantes sobre a sua trajetória educacional; d) proporcionar experimentação cênica que auxilie o estudante da EJA na reflexão de sua permanência escolar.

Tal como já mencionado acima, esta pesquisa ocorreu na cidade de Curitiba/PR, mais precisamente no Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos - (CEEBJA), Ensino Fundamental e Médio. A pesquisa de campo, desenvolvida no primeiro semestre do ano de 2021, abarcou uma turma composta por 37 (trinta e sete) estudantes do Ensino Médio, dos quais 06 participaram efetivamente. Os encontros foram semanais, totalizando uma carga horária de 20

¹ No momento da pesquisa prática, não atuei como docente na EJA, por esta razão, entrei em contato com esta professora que autorizou a realização deste trabalho científico na disciplina Arte, mais precisamente com uma das turmas composta por estudantes do Ensino Médio da EJA, onde desenvolvi a pesquisa de campo ao longo do primeiro semestre do ano de 2021.

(vinte) horas/aula no período da noite. As práticas desenvolvidas foram pautadas, principalmente nas propostas teatrais de Augusto Boal e Viola Spolin. Assim sendo, busquei contribuir no processo educacional daqueles que por razões distintas deixaram de frequentar a escola, em determinadas fases da vida, mas que encontraram na modalidade EJA, a oportunidade de promover o seu desenvolvimento pessoal, assim como ampliar o seu espaço no mercado de trabalho.

Sou a 10ª (décima) de um total de 11 (onze) filhas e filhos de um casamento que durou 19 (dezenove) anos. Sou a mais nova das mulheres e a primeira a ser graduada da família. Meus pais não foram alfabetizados, mas oportunizaram a todos nós a escolarização; alguns aproveitaram outros nem tanto, mas de qualquer forma tiveram a oportunidade. Desde a minha infância brinquei de escolinha onde atuava orgulhosamente como professora. Mais tarde na adolescência, principalmente movida pelo desejo de alfabetizar a minha mãe, encontrei na carreira docente a possibilidade de realizar esta expectativa. Devo salientar que o ensino básico que desenvolvi foi marcado pelos resquícios de uma educação autoritária, onde o professor era o detentor do saber e os estudantes meros receptores. Esclareço que esta fase acadêmica foi fundamental para a gradativa valorização que desenvolvi, no que tange à uma educação alicerçada em uma pedagogia crítica, que estimula o pensamento investigativo do estudante sobre a realidade social, política e histórica na qual se insere.

Na juventude optei pelo Magistério e Contabilidade e com o término de ambos os cursos, mais tarde ingressei no Curso de Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas da Faculdade de Artes do Paraná - FAP, me habilitando na área específica de Teatro. Não tive a oportunidade de alfabetizar a minha mãe, carrego comigo esta frustração, pois este sempre foi o seu desejo. Devido a esta situação, vejo com olhos emocionados e otimistas a Educação de Jovens e Adultos, pois cresci assistindo a luta de minha mãe para educar os seus filhos, ainda que ao longo da sua vida tenha sido impossibilitada de frequentar os bancos da escola.

Após a graduação, mais precisamente a partir do ano de 2003 passei a atuar na disciplina Arte. Ao longo da carreira acadêmica e profissional foi possível constatar a importância do teatro no processo de ensino e aprendizagem do

indivíduo, sobretudo em função desta área específica da arte proporcionar a vivência de experiências e situações distintas que podem ser alvo de discussão reflexiva entre todos os seus participantes. Compreendi que, tal como as demais áreas de conhecimento humano que compõem a matriz curricular da escola, também o teatro contribui no processo de formação e desenvolvimento dos indivíduos, independente de sua faixa etária, classe social, etnia, gênero e demais demarcadores sociais. Apesar de trabalhar há bastante tempo no exercício docente na escola da rede pública, tendo ficado por anos afastada, busquei a formação continuada movida pelo entendimento de que o exercício docente requer o permanente aperfeiçoamento dos saberes necessários para a qualificação profissional.

Por esta razão, considero a relevância desta pesquisa no meu processo de aperfeiçoamento pessoal e profissional, na medida em que esta etapa acadêmica propicia a articulação da teoria e da prática, campos relacionados entre si e imprescindíveis na docência. A experiência adquirida foi levada para a sala de aula da EJA, para proporcionar aos estudantes a oportunidade de levarem para o espaço da sala, a própria história de vida, em geral marcada por processos de exclusão. Processos estes que foram alvo de debate para que juntos – professora e estudantes – pudessem ampliar a reflexão sobre as questões políticas e sociais que dificultam ou mesmo impedem o retorno e a permanência de determinados sujeitos no espaço da sala de aula.

Diante do exposto questiono: Em que medida o perfil dos estudantes da EJA está sendo levado em conta? Os conteúdos abordados pelos professores corresponsáveis pela formação educacional destes estudantes atendem a uma sistematização adequada aos seus interesses e necessidades? Movida pelo interesse de melhor compreender o processo de ensino de aprendizagem e a trajetória de vida dos estudantes jovens e adultos da EJA evidencio a seguir cada uma das etapas desta pesquisa.

No primeiro Capítulo, “Políticas públicas e o ensino da Arte no âmbito da Educação de Jovens e Adultos – EJA”, proponho-me a evidenciar as contribuições do ensino do teatro no contexto da EJA, analisando um caso de uma escola pública da cidade de Curitiba/PR, destacando as propostas desenvolvidas por Augusto Boal e Viola Spolin. Também, busquei aprofundar os estudos sobre as políticas públicas

estabelecidas no contexto histórico desta modalidade de ensino, incluindo a proposta curricular com enfoque no ensino da arte. Neste mesmo capítulo, proponho-me ainda, à investigação do perfil dos estudantes jovens, adultos e idosos inseridos neste campo educacional e as principais causas que contribuíram para a permanência, abandono e retorno escolar de mulheres e homens que buscam reparar o tempo perdido na modalidade EJA. Além disso, apresento as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA que abrangem os processos formativos da Educação de Jovens e Adultos como uma das modalidades da Educação Básica nas etapas dos ensinos fundamental e médio, nos termos da LDBEN 9394/96. Com base nessa legislação, destaco o Estado do Paraná, pois embora tenha ocorrido esforço para erradicar o analfabetismo, de 2018 a 2021, muitas escolas do Ensino Médio noturno foram fechadas para que os alunos fossem direcionados para EJA, mas, concomitantemente, também foram fechadas turmas de EJA, desta forma, saliento a importância do debate sobre a permanência da referida modalidade.

Ainda neste capítulo abordo o tema “Escolarização de Jovens e adultos: análise sobre a sua trajetória na História da educação Brasileira”, em que fiz uma reflexão sobre o perfil dos estudantes da Educação de jovens e adultos e questões que implicam em sua permanência, abandono e retorno à escola. Apresento na sequência um tópico sobre EJA: Proposta pedagógica curricular para o ensino da arte.

No segundo Capítulo, “Um estudo de caso”, apresento o encaminhamento metodológico realizado; o contexto histórico sobre o ambiente escolar no qual a pesquisa foi realizada; a descrição sobre as ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula com os participantes da pesquisa e a análise do processo pedagógico realizado. Na coleta de dados foram utilizados os seguintes recursos: registros fotográficos, substituídos por capturas de tela e questionários com perguntas estruturadas e semi-estruturadas.

A partir dos encaminhamentos expostos, objetivo contribuir por meio de processos cênicos relacionados à história de vida dos participantes, uma experiência artístico-pedagógica efetiva, com vistas a proporcionar experiências de ensino e aprendizagem na área teatral e identificação das questões que implicam no abandono e retorno dos estudantes da EJA.

CAPÍTULO 1. POLÍTICAS PÚBLICAS E O ENSINO DA ARTE NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Neste capítulo da pesquisa desenvolvi uma análise sobre o ensino do teatro na Educação de Jovens e Adultos – EJA, para melhor compreender o seu espaço no contexto desta modalidade de ensino. Ainda neste capítulo elaborei uma abordagem com enfoque nas políticas públicas que permeiam o contexto histórico da EJA, buscando também o aprofundamento da reflexão sobre a proposta curricular voltada para o ensino da arte aos jovens e adultos em processo educacional. Nesta etapa da pesquisa, propus uma análise sobre questões relacionadas ao perfil destes estudantes que, em sua maioria, têm um processo educacional marcado pelo abandono e retorno no espaço da escola.

1.1 O Ensino do Teatro na Escola Pública: Metodologia de Ensino na Formação de Jovens e Adultos

Desde a sua concepção, o ser humano está em evolução e, ao nascer inicia o processo de aprendizagem, tais como respirar fora do útero, sugar seu alimento e se movimentar experimentando as próprias possibilidades. Neste período, o cuidado da família nesta etapa da vida é imprescindível para que o indivíduo possa chegar na fase de escolarização apto para aquisição de um conhecimento formal. A educação se refere a um processo contínuo de construção individual e reconstrução da experiência, no qual a criança precisa ser guiada e orientada em seu crescimento mental e social, lembrando que até mesmo o crescimento físico, o mais natural deles, requer observação e acompanhamento. O ato de aprender está diretamente associado à uma modificação do ser humano, ao gradativo desenvolvimento da percepção deste sobre si, sobre o outro e o seu entorno.

O ambiente escolar é o lugar próprio da educação, e para que a arte possa ser exercida com propriedade nesse lugar, que não está apropriado a ela, mas a um outro, é preciso que haja um movimento de interação entre educação e arte. Mas para que se provoque esse movimento, é preciso uma atitude docente especialmente por parte dos professores de Artes que os transformem em agentes culturais dentro do ambiente escolar (ANDRÉ, 2011, p. 132).

No artigo 205 da Constituição Federal de 1988, lê-se que a educação escolar é direito de todos, cabendo ao Estado e à família o seu acesso. Acrescento a fundamental importância do envolvimento escola-família e Estado para o pleno desenvolvimento do indivíduo e seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Ou seja, a educação escolar é um direito fundamental garantido legalmente e visa a formação ampla e igualitária a todos os indivíduos sem distinção.

A educação formal e não formal estão intrinsecamente associadas, pois se complementam, lembrando que a educação ocorre também, por meio de distintas instituições, tais como na Igreja, associações artísticas e culturais, instituições de lazer, ambiente profissional, e principalmente na família. Contudo, além de ensinar a ler e escrever cabe também à escola a função de realizar a mediação entre o conhecimento prévio dos estudantes e o conhecimento formal, sistematizado, possibilitando-lhes as formas de acesso ao conhecimento científico.

Aprender, nesse sentido, implica uma extensão do próprio mundo da vida do indivíduo, acrescentando algo. O processo de aprendizagem continua a ser introvertido – um reforço ou uma extensão do ego, e, portanto, o desenvolvimento da identidade. Na formação, no entanto, esse eu e o mundo da vida do indivíduo são colocados em jogo constante desde o início. A formação envolve, assim, sair constantemente de si mesmo ou transcender a si mesmo – ir além do seu próprio mundo da vida por meio da prática e do estudo (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 49).

Neste sentido, é possível afirmar que a educação escolar é o espaço privilegiado da reflexão, da elaboração e reelaboração de conceitos, produzindo mudanças no estudante, na medida em que “muda a maneira como a sua vida e o mundo realmente aparecem para ele e lhe permite começar de uma nova forma ‘com’ o mundo. (Ibid, p. 50). Por outro lado, sabe-se que há muito a ser feito, no sentido de se conseguir que todas as pessoas tenham acesso aos direitos básicos sociais associados à uma vida digna. Novamente recorro à Constituição de 1988, especialmente ao seu artigo 6º, no qual estabelece que o direito à educação é um direito fundamental e social de todo cidadão. Por esta razão, salienta-se a urgência de projetos políticos e pedagógicos, comprometidos com processos educacionais voltados para o desenvolvimento das capacidades cognitivas, e da consciência de conceitos de cidadania, compreendidos como um conjunto de direitos e deveres

exercidos pelo indivíduo inserido em um determinado contexto social.

Assim sendo, o papel da escola não se restringe ao desenvolvimento cognitivo do estudante, mas também propiciar o avanço das dimensões sensíveis, criativas, e morais que mediam as relações interpessoais. “Quando a atuação do jogador se realiza no nível intuitivo, ele trabalha além de um plano estritamente intelectual para realizar a experiência”. (ANDRÉ, 2011, p.165). Destaco a importância da arte na escola, na medida em que proporciona a expansão do olhar do indivíduo sobre si, o outro e o mundo, diferente do habitual, em um exercício de suas capacidades sensíveis. Acrescento que, “cada obra de arte é, ao mesmo tempo, um produto cultural de uma determinada época e uma criação singular da imaginação humana, cujo valor é universal” (BRASIL, 1997, p. 28). Ou seja, a arte carrega em si o caráter da compreensão para além do entendimento lógico e racional, pois o conhecimento artístico e estético amplia o campo de experimentação criativa da vida em sociedade.

Mas a obra de arte não é resultante apenas da sensibilidade do artista, assim como a emoção estética do espectador não lhe vem unicamente do sentimento que a obra suscita nele. Na produção e apreciação da arte estão presentes habilidades de relacionar e solucionar questões propostas pela organização dos elementos que compõem as formas artísticas: conhecer arte envolve o exercício conjunto do pensamento, da intuição, da sensibilidade e da imaginação (BRASIL, 1997, p. 30).

Nesta perspectiva, a arte é um campo de conhecimento que, para além de uma mera atividade de recreação, tal como muitas vezes é compreendida na escola, contribui com projetos pedagógicos comprometidos com a construção da identidade e também da autonomia do estudante, capaz de agir e tomar decisões por si mesmo; conhecedor do conjunto dos direitos e deveres individuais e coletivos. Em especial o teatro possibilita a utilização de variados recursos em processos cênicos voltados para o desenvolvimento artístico e estético dos seus participantes. Afinal, de acordo com a autora abaixo selecionada, “Se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa, se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar. ‘Talento’ ou ‘falta de talento’ tem muito pouco a ver com isso” (SPOLIN, 2006, p.3).

Todas as pessoas são capazes de improvisar no espaço da cena as mais diversas situações e questões sociais que comportam as relações humanas, e os

seus respectivos problemas, conflitos, sonhos, fantasias e inquietações, dentre outros aspectos que podem ser manifestados no âmbito da representação teatral e da vida. Rosseto (2013) nos mostra que a improvisação teatral se refere a uma vivência de suma importância a todas as pessoas interessadas no fazer teatral. O autor se refere ao ato de improvisar como uma das atividades mais exercitadas pelos atores e também pelos professores mediados pelo ensino do teatro.

Durante um jogo de improvisação, o atuante não é um mediador da expressão criada por um dramaturgo ou interpretada por um diretor, mas uma fonte de expressão interessada em transformar-se num outro. Portanto, na ação improvisacional, o aluno amplia o repertório de comunicação e a competência da expressão (ROSSETO, 2013, p. 16)

No campo da experimentação teatral na escola, cabe ao professor responsável por esta área da arte proporcionar um ambiente adequado para o envolvimento criativo e espontâneo dos estudantes na área do jogo. Para Boal (2012), é possível afirmar que a primeira palavra do vocabulário teatral reside no corpo humano, mola propulsora do som e movimento. Por esta razão, “para que se possa dominar os meios de produção teatral, deve-se primeiramente conhecer o próprio corpo, para poder depois torná-lo mais expressivo” (Ibid, p.188). De fato, na prática docente como professora de teatro compreendo a necessidade de estimular a realização de proposições teatrais, baseadas na participação ativa dos estudantes, que em sua maioria tiveram o seu primeiro contato com o teatro no próprio ambiente da escola.

O teatro possibilita a encenação teatral, por meio da utilização de textos já elaborados ou não, tal como ocorre em processos de criação coletiva instigados, a partir de distintos recursos: artigos de jornais, fragmentos de texto, composições musicais, situações retiradas do dia a dia e da história de vida daqueles que compõem o grupo. Ressalto que esta pesquisa teve como proposta envolver os estudantes inseridos no Ensino Médio da EJA em metodologias teatrais que tenham como ponto de partida a realidade existencial dos mesmos. Entendo que o ensino do teatro que objetiva o fomento da consciência crítica da realidade tão necessária para a construção da cidadania requer a vivência de experiências estéticas na perspectiva de uma relação de totalidade e integração do estudante com o mundo, “que coloca a consciência num estado de percepção mais amplo da realidade,

constituindo- se o sujeito parte da realidade percebida e, ao mesmo tempo, diferenciada e singular da mesma”. (SOARES, 2010, p. 51).

De fato, abordagens pedagógicas do teatro, são ineficazes quando pensadas “exclusivamente como um meio eficaz para alcançar conteúdos disciplinares extrateatrais ou objetivos pedagógicos muito amplos, por exemplo, o desenvolvimento da ‘criatividade”” (JAPIASSU, 2001, p. 23). Ainda hoje, em muitas escolas brasileiras, a disciplina Arte é considerada como menos importante em relação às demais áreas de conhecimento que compõem a matriz curricular do ensino básico, haja vista o número reduzido de aulas semanais e o fato de ser um componente que, se o aluno não alcançar êxito acadêmico, ou seja, nota para concluir a matéria, não há reprovação de ano, por esta razão, muitos estudantes não levam em conta os conteúdos artísticos como importantes para a sua indicação à próxima fase escolar.

Muitas vezes, a disciplina Arte, compreendida de uma maneira descomprometida e desqualificada no espaço escolar é lecionada por professores, sem a necessária exigência de uma qualificação profissional nesta área. Saliento a convicção sobre a relevância do docente habilitado na área específica para desenvolver ao longo do ano letivo os conteúdos e metodologias relacionados à sua área de formação, pois o domínio de conhecimento artístico e estético deste profissional é fundamental no processo de ensino e aprendizagem do estudante. Na minha trajetória docente foi possível constatar que a educação curricular voltada para a reprodução, a cópia e a memorização se encontra no campo da educação autoritária e conservadora que impossibilita a participação autônoma dos estudantes e a troca de informações, a partir de suas vivências adquiridas no curso da vida.

Neste momento recorro à Koudela, (1998), segundo a qual o aluno que apenas decora um texto e o espetáculo voltado somente para a produção em nada contribui com valores educacionais se “sujeito da representação não foi mobilizado para uma ação espontânea” (p. 25). Como professora da escola pública, tenho conhecimento dos desafios para que o teatro ocupe de forma efetiva o seu espaço. Nos últimos anos deparamo-nos com o desmonte de políticas públicas educacionais, dificultando que a escola assuma o seu compromisso como espaço privilegiado de transmissão do saber e construção de conhecimento. E, concordando com Soares (2006), dentre outros espaços sociais, a escola pode e deve ser um local onde o ensino e aprendizagem está diretamente associado à criação e à vida, por esta

razão, frente às adversidades enfrentadas, o professor deve buscar campos de possibilidades em sua prática de ensino.

A partir da compreensão do teatro como área de conhecimento, é possível afirmar que ele proporciona as condições necessárias para que os estudantes ampliem a sua concepção de mundo, a partir de manifestações lúdicas, de acordo com a sua própria subjetividade e experiência de vida. Concordo com Soares (2010), segundo a qual na relação com o objeto estético o estudante, de acordo com a sua individualidade aprecia e interpreta as imagens poéticas de maneira diferenciada.

Traduzidas em sensações, sentimentos, pensamentos e percepções interiores, no seu aspecto não-palpável, estas imagens poéticas são da ordem do vivido ou da experiência e como tal nascem da relação de troca entre sujeito e objeto (SOARES, 2010, p. 41)

Em sua análise sobre o sujeito da experiência e a composição experimento-experiência, Larrosa (2019) nos apresenta aspectos fundamentais associados à potência dos acontecimentos. Para o autor, são componentes inseparáveis da noção de experiência, a dimensão de travessia e perigo e a capacidade da experiência de formação ou de transformação. O sujeito da experiência se define por sua disponibilidade de interrupção, um gesto quase impossível nos dias atuais, para suspender o automatismo da ação, para se perceber o que lhe acontece quando exposto ao novo, inusitado, ao impensável.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (LARROSA, 2019, p. 18).

Por outro lado, ainda de acordo com o mesmo autor, a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, por esta razão, o saber da experiência é singular porque associado às prioridades, valores, desejos e ritmos individuais. Assim, ainda que duas pessoas vivenciem um mesmo acontecimento, a experiência suscitada diz respeito à percepção sobre o que aconteceu e ao sentido desse evento na vida de cada qual. Desta maneira, “ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e

tornada própria” (LARROSA, 2019, p.27).

Assim sendo, no exercício docente é imprescindível a consideração das diferenças individuais dos estudantes que, na sua heterogeneidade se apresentam com possibilidades e capacidades distintas de aprenderem e de se envolverem nas proposições levadas para a sala de aula. Isto significa que, modelos baseados em conteúdo pré-determinado que desconsideram o contexto e as diferenças que compõem o coletivo contrariam as ações pedagógicas que necessitam das capacidades individuais para que a proposta seja atingida pelo coletivo. Desta forma, a massificação do ensino é incompatível com ações pedagógicas que levam em conta a experiência pessoal do estudante adquirida no seu grupo social e cultural, pois o processo educativo é construído interativamente, no sistema de relações sociais.

Cabe especificar os estudantes da EJA, que em geral retornam aos bancos da escola, alguns deles em idade avançada, sem qualquer familiaridade com as demandas do mercado de trabalho. Com frequência enfrentam inúmeras dificuldades e desafios para o seu acesso e a permanência nos bancos escolares. Há muito que a escola brasileira mantém uma defasagem entre a teoria e a prática, entre os conteúdos abordados em sala de aula e os saberes adquiridos na vida cotidiana. Se a escola é o espaço privilegiado para a reflexão, por outro lado, também é reprodutora de desigualdades sociais, em especial quando se restringe ao estabelecimento modelos pré-estabelecidos que contrariem os preceitos democráticos. Quando a escola se propõe a atender a propósitos que privilegiam os interesses de grupos ou pessoas, ela reforça o sistema social que emperra o desenvolvimento de mudanças significativas que podem desestabilizar mecanismos que sustentam práticas discriminatórias e excludentes.

No entendimento de Boal (2012) o debate, o conflito de ideias, a dialética, a argumentação e a contra-argumentação, elementos comuns em um processo cênico-criativo, estimulam, aquecem, enriquecem, preparam os sujeitos nele envolvidos para agir na vida em sociedade, em processos de mudança. Novamente ressalto que o teatro na escola, em especial na EJA, são espaços propícios às condições necessárias para que os estudantes desenvolvam o exercício das habilidades democráticas da discussão e da participação, assim como, do questionamento dos processos políticos e culturais que contribuem no processo de desigualdades sociais.

As propostas teatrais desenvolvidas por Augusto Boal e Viola Spolin encontram similaridade entre si, pois ambas podem ser utilizadas por grupos compostos por artistas profissionais, assim como, à crianças, jovens e adultos, incluindo aqueles que tiveram o seu primeiro contato com o teatro no espaços formais e não formais da educação. Desta maneira, estes estudiosos da arte teatral são de grande relevância nos processos de aprendizagem e desenvolvimento humanos, pois suas obras apresentam metodologias que instigam o desenvolvimento cultural e pessoal dos jogadores. Para ampliar a compreensão no próximo subitem realizo uma abordagem sobre as propostas teatrais desenvolvidas por Augusto Boal e Viola Spolin.

1.1.1 Diálogo entre Augusto Boal e Viola Spolin: teatro do oprimido e o sistema de jogos teatrais

Nesta etapa apresento uma descrição reflexiva sobre as propostas teatrais desenvolvidas por Augusto Boal e Viola Spolin, buscando destacar, sobretudo aquelas que utilizei na ação docente com os estudantes da EJA. Ainda, evidencio as contribuições destas metodologias em processos educacionais voltados para o desenvolvimento da integração do indivíduo sobre as próprias capacidades expressivas, sobre o outro e sobre o próprio contexto em direção à intervenção deste nas práticas cotidianas.

Augusto Boal (1931-2009), dramaturgo e diretor teatral é considerado como aquele que mais contribuiu para a criação de um teatro genuinamente brasileiro e latino americano. No início da década de 1970 ele criou o Teatro do Oprimido – TO, firmando os seus interesses nas discussões e experimentações associadas ao contexto autoritário e de censura política que se instalou neste país a partir de 1964. Comprometido com propostas de igualdade, justiça social e libertação humana, o grupo de teatro por ele dirigido manteve os seus propósitos mesmo após a instalação da ditadura militar brasileira.

Em função do exílio, Boal passou a viver na Argentina, mais tarde em Portugal e na França, cabendo informar que neste período, ele desenvolveu as bases de um método teatral vinculado ao teatro de resistência, à Bertolt Brecht e aos movimentos de vanguarda surgidos na Rússia e na Alemanha nos anos 1930. O seu

retorno ao Brasil ocorreu no ano de 1984 e após dois anos ele criou o Centro de Teatro do Oprimido.

As técnicas desenvolvidas no TO buscaram o fortalecimento das potencialidades dos atores/jogadores nos processos de criação artística e estética, com ênfase nos problemas sociais e na busca de superação destes, com vistas à tomada de conscientização política. Ou seja, Boal inseriu o teatro no campo político, partindo do entendimento de que esta expressão artística é inerente ao ser humano. Contudo, as propostas teatrais desenvolvidas pelo autor, visam retirar o estado passivo do espectador para explorar a sua capacidade de duvidar de normas e padrões sociais estabelecidos como verdades inquestionáveis.

Nesta prática teatral, concebida há mais de quarenta anos por Augusto Boal – possivelmente o homem de teatro brasileiro mais conhecido em países estrangeiros-, cada espectador é considerado um ator em potencial. Esta potencialidade, entretanto, não é tida como natural, sendo necessária uma ação concreta para realizá-la. Assim, a participação do espectador nas práticas do Teatro do Oprimido precisa ser cuidadosamente preparada, visando um participante em estado de alerta, pronto para agir (DESGRANGES, 2006, p. 69-70).

Todos somos atores e capazes de representar na vida cotidiana os mais diversos papéis sociais, mas a partir de um conjunto de procedimentos pautados na atuação teatral improvisada, Boal buscou contribuir no processo da superação de relações dicotômicas entre opressor e oprimido apresentadas em cena. No TO a pluralidade cultural é evidenciada e se propõe a garantir no espaço da cena, a fala daqueles que historicamente foram silenciados, provocando desta forma, o debate e possibilidades de atuação prática para a superação do problema apresentado. Para este dramaturgo, todas as pessoas têm capacidade de ler o mundo e de produzir saberes sensíveis na sua cultura. Desta forma, é possível afirmar que os processos criativos e políticos do TO caminham na contramão de processos políticos, sociais e culturais massificadores e opressores, para ampliar a percepção do sujeito sobre a sua capacidade de contribuir para a desconstrução da estrutura dominante de opressão, classificação e exclusão social.

Diante desta perspectiva, por meio do TO me proponho nesta pesquisa, a estimular o debate sobre a história de vida dos estudantes da EJA e participantes desta pesquisa, com vistas a viabilizar aos mesmos, sobretudo por meio de

proposições pautadas no Teatro Fórum, no Teatro imagem e no Teatro Jornal a capacidade da leitura de mundo e dos meios de intervenção sobre ele. É fundamental o reconhecimento dos mesmos de que os processos políticos e sociais que organizam a nossa sociedade são produtos de determinadas transformações históricas. Isto significa que, “toda realidade por ser histórica, social e cultural é passível de mudanças produzidas pelo ser humano em seu processo permanente de constituição de sua própria liberdade” (CANDA, 2012, p. 193). Cabe assinalar que, em sua maioria estes participantes são sujeitos em situação de pobreza, desemprego, carências múltiplas associadas à sua classe social, privados muitas vezes dos seus direitos como cidadãos.

Pois bem: movido pelo interesse na construção de uma perspectiva metodológica coerente com o seu posicionamento político, Boal desenvolveu diferentes técnicas teatrais com ênfase em situações que permeiam a vida cotidiana e os diversos aspectos opressores da vida em sociedade. Dentre as propostas teatrais que compõem o TO, proponho-me à descrição do Teatro Fórum, Teatro Imagem e Teatro Jornal, as quais serão utilizadas na pesquisa de campo realizada com os estudantes da EJA².

Assim sendo, define-se que o Teatro-Fórum consiste na apresentação baseada em uma situação na qual o oprimido é impedido de realizar um desejo, ou mesmo uma necessidade de cunho social. Contudo, este mesmo sujeito é impossibilitado de atingir os seus objetivos, em função da força opositora do antagonista opressor. Com o término da encenação, pergunta-se aos espectadores se estão de acordo com a solução encontrada. De acordo com Canda (2012), o oprimido não é aquele que perdeu a luta e resignou-se, mas o sujeito em constante conflito com o opressor, e que não atinge êxito pela falta das condições de visualizar outras possíveis estratégias para resolver o problema apresentado. Por esta razão, os espectadores manifestam o seu desagrado diante do desfecho, em geral considerado indevido pelos mesmos.

A partir de então, abre-se o espaço para o fórum, quando os espectadores têm a oportunidade de opinarem e expressarem suas ideias, mas ao invés de dizerem o que a personagem deve fazer, o próprio público entra em cena, para propor novas alternativas com vistas à realização do desejo e da superação da

² As propostas desenvolvidas por Boal são: Teatro Fórum; Teatro Imagem; Teatro Jornal; Teatro legislativo; Teatro Invisível.

relação dicotômica entre opressor e oprimido apresentada em cena. O objetivo do teatro-fórum é promover a percepção dos participantes sobre as possibilidades distintas de leitura da realidade, em direção ao processo de revolução da vida cotidiana, evidenciando aos envolvidos que as relações entre as pessoas são dinâmicas e podem ser modificadas, “a partir da atuação e da luta por aqueles que não concordam com o modo como esta se apresenta” (CANDA, 2021, p. 193).

Quanto ao teatro-imagem, inicialmente o professor ou orientador solicita que os participantes apresentem uma imagem com os corpos dos demais, sempre com base em um tema previamente selecionado. Contudo, os participantes são estimulados a pensar e a debater um problema sem a utilização da palavra, utilizando-se apenas dos próprios corpos.

Podemos mesmo afirmar que a primeira palavra do vocabulário teatral é o corpo humano, principal fonte de som e movimento. Por isso, para que se possa dominar os meios de produção teatral, deve-se primeiramente conhecer o próprio corpo, para poder depois torná-lo mais expressivo (BOAL, 2009, p.188).

Para melhor compreensão, ao participante é solicitado que expresse a sua opinião sobre a imagem representada, mas sem o recurso da palavra, usando apenas os corpos dos demais integrantes, compondo com eles, um conjunto de estátuas, “de tal maneira que suas opiniões e sensações acerca do tema se tornem evidentes” (DESGRANGES, 2006, p. 72). Todos têm o direito de modificar o conjunto de estátuas de uma forma integral ou apenas parte delas, propondo soluções para a situação, sem deixar de lado o mesmo código de comunicação que é a escultura composta por corpos das pessoas ali presentes.

O teatro jornal consiste em diversas técnicas que permitem a interpretação de notícias de jornal, anúncios e publicidades e demais recursos, tendo a improvisação e a espontaneidade como principais vetores. Dentre as distintas técnicas relacionadas, selecionei a leitura simples para a prática desenvolvida, quando a notícia que se pretende trabalhar é lida de uma forma objetiva; a uma determinada notícia acrescenta-se dados e informações omitidos na matéria; improvisação, quando a notícia é improvisada teatralmente, experimentando-se as suas múltiplas possibilidades e por fim, o texto fora do contexto, técnica em que o texto da notícia é descontextualizado e apresentado cenicamente, em uma situação que reforce novas

possibilidades de sentido e compreensão.

As propostas de Boal privilegiam processos cênicos construídos coletivamente, a partir de histórias retiradas no dia a dia, incluindo-se a trajetória de vida dos participantes em situação de opressão, assim como, dispensam textos previamente elaborados e/ou recursos técnicos do ponto de vista da lógica convencional. A pedagogia teatral mediada pelo TO aponta para uma educação compartilhada “em cuja finalidade se realiza a socialização do indivíduo no grupo social em que está integrado para que nele possa encontrar um lugar, o seu lugar” (ANDRÉ, 2011, p. 141). Encaminhamentos metodológicos com ênfase em tais proposições são indispensáveis no processo educativo voltado para a formação de cidadãos mais conscientes da sua existência individual e social.

O teatro de Boal encontra ressonância no trabalho desenvolvido pela diretora de teatro e pedagoga Viola Spolin (1906-1994), uma das pioneiras do teatro improvisacional norte-americano influenciando a partir da década de 1960 diversas companhias. O sistema desenvolvido pela autora tem sido utilizado nos trabalhos realizados por atores, mas também em programas com abordagem na conscientização da comunicação não verbal e também em dinâmicas de grupos distintos.

Nos Estados Unidos, o método de Spolin (1975) foi adotado no treinamento de professores e em inúmeros programas de formação na área educacional e pedagógica, não necessariamente vinculado ao ensino do teatro (JASPIASSU, 2001, p. 35).

Spolin sistematizou jogos de improvisação, a partir de proposições praticadas por Bertold Brecht e Constantin Stanislavski. A autora parte do princípio de que todas as pessoas são capazes de representar, independente de talento. Ela destaca a importância da expressão criativa - em especial por meio da improvisação - para o desenvolvimento de habilidades e competências que ajudam os jogadores a lidarem com situações diversas, aceitando e sugerindo novas regras no trabalho em grupo.

A maioria dos jogos é altamente social e propõe um problema que deve ser solucionado – um ponto objetivo com o qual cada indivíduo se envolve e interage na busca de atingi-lo. Muitas habilidades aprendidas por meio do jogo são sociais (SPOLIN, 2009, p. 30).

A sistematização dos procedimentos metodológicos desenvolvidos por Spolin está associada à disponibilidade dos jogadores se lançarem na dinâmica teatral com o objetivo de encontrar a solução de um problema. O processo criativo está no saber lidar com os momentos de imprevisibilidade que vai acontecer no jogo com base em exercícios potencialmente férteis à capacidade de se lidar com o novo. Desta forma, os aspectos da aprendizagem refletem no dia a dia dos seus jogadores, movidos pela oportunidade de experimentar várias situações, de se colocar no lugar dos outros para encontrar as soluções possíveis para os problemas gerados no ato da criação artística.

E, nesse sentido, a prática do jogo teatral a partir da busca pela solução de problemas se torna um dispositivo importante de ordenação e apresentação dos elementos de composição da cena. Essa experiência, de alguma maneira, reitera a autoridade do professor-orientador quando, por exemplo, o grupo se lança ao desconhecido e percebe que a orientação do professor os leva a algum lugar. Ou seja, quando o professor transforma o processo de uma encenação (ANDRÉ, 2011, p. 166).

Os jogos teatrais consistem em três regras que incluem a estrutura: onde (ambiente); quem (personagem) e o quê (atividade a ser executada, ação de cena). Estes elementos dramáticos são associados a um problema a ser solucionado no espaço da cena, viabilizando a experiência das convenções atribuídas à interpretação teatral e de suas técnicas na forma de vivências. “No jogo teatral, a autora idealiza o sujeito da experiência como um sujeito total ou sensível que atua com todas as suas capacidades: intelectuais, físicas, emocionais e intuitivas” (ANDRÉ, 2011, p. 161).

De acordo com Japiassu (2001), esta metodologia propicia que os jogadores experimentem o fazer teatral, assim como, desenvolvam a apreciação e compreensão estética da linguagem teatral quando assistem a encenação. Os jogos teatrais também propiciam que os mesmos contextualizem os seus enunciados estéticos, no momento da avaliação coletiva, quando também se auto avaliam. Destaco que na proposta teatral sistematizada por Spolin todos os integrantes do grupo têm a oportunidade de exercer a função de ator e de espectador. Neste sentido, a autora adentra os aspectos da transição do espectador passivo em espectador ativo, sendo que o primeiro se refere à contemplação da obra artística apresentada e o segundo tem como elemento fundante o questionamento além da

reflexão sobre a obra.

1.2 Escolarização de Jovens e Adultos: Análise sobre a sua trajetória na História da Educação Brasileira

O processo histórico da EJA no Brasil está associado ao desenvolvimento da educação, institucionalizando-se por ações descontínuas, marcada por uma diversidade de programas, muitas vezes não caracterizada como escolarização.

Em função do alto índice de analfabetismo da população brasileira a Constituição Federal de 1934, instituiu o ensino primário gratuito, de frequência obrigatória e extensiva aos adultos como direito constitucional. De acordo com Haddad e Di Pierro (2000), a partir de então a EJA passou a ser reconhecida e a ter um tratamento particular, tornando-se obrigação do Estado o ensino primário integral gratuito. O Estado passou a ampliar as oportunidades educacionais a um número significativamente maior da população, estratégia política esta que buscou prover, especialmente a classe trabalhadora de qualificações mínimas para o desempenho das demandas impostas pelo desenvolvimento industrial no país. Sobre o contexto histórico e social brasileiro marcado pela desigualdade social, cabe a reflexão sobre uma parte da população que por problemas diversos abandona os estudos precocemente e uma pequena parcela que busca a formação escolar, ainda que tardiamente.

Entre os anos de 1940 e 1950, muitos jovens e adultos procuraram os chamados Sistemas “S”, Sesi, Senai, Senac em busca da formação profissional, para competir de uma forma mais eficiente no mercado de trabalho. Segundo Gadotti e Romão (2006), o período compreendido entre os anos 1946 e 1958 foi marcado por grandes campanhas com intuito de erradicar o analfabetismo, considerado como sendo uma das grandes causas do subdesenvolvimento brasileiro. De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos:

Assim, a educação escolar passou a ser considerada baluarte do progresso e do desenvolvimento da nação. O analfabetismo foi compreendido como um ‘mal e uma doença nacional’ e o analfabeto como ‘inculto, preguiçoso, ignorante e incapaz’. O domínio da leitura e da escrita foi valorizado para a execução das emergentes técnicas de produção industrial, frente ao acelerado processo de urbanização

do país (PARANÁ, 2006, p. 17).

Em 1958, no governo do então presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira, as propostas do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire e sua equipe ganham espaço com as suas experiências de alfabetização de adultos, destacando-se pelo seu questionamento à precariedade dos prédios escolares, ao material didático inadequado e à qualificação do professor. Conhecido como sistematizador de um método de alfabetização de jovens e adultos, Paulo Freire se opôs à Educação Bancária, que coloca o professor como detentor do conhecimento e a escola apenas como mero depósito de crianças, adolescentes e jovens. “Sua obra, de base hegeliana e marxista, incorpora a compreensão de que não existe educação neutra, pois todo ato humano é um ato político” (CANDA, 2012, p. 190). No ano de 1963, sob a liderança de Paulo Freire, um grupo de professores ensinou 300 (trezentos) adultos a ler e escrever em menos de 40 (quarenta) horas na cidade de Angicos (RN). A metodologia envolvia ensinar os fonemas por meio de palavras que faziam parte do cotidiano dos trabalhadores.

A Educação Libertadora foi criada por Paulo Freire, por meio da participação política em lutas e movimentos sociais, enquanto oposição à educação bancária; o princípio de libertação social é resultante do processo permanente de conscientização dos sujeitos de seu papel para a transformação da vida e das relações de opressão. Freire contribuiu significativamente para a compreensão da educação como processo imprescindível à superação da dicotomia entre opressores e oprimidos (CANDA, 2012, p. 189).

Contudo, no governo militar, quando todas as manifestações de reformas foram abolidas e colocadas na clandestinidade, a proposta freireana foi considerada como um perigo iminente de revolta dos menos favorecidos. É oportuno salientar que, para Freire (2004) o operário precisa buscar, a partir do próprio trabalho, a promoção de sua cidadania, a qual se constrói pela sua eficácia técnica associada à luta política “em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar a outra menos injusta e mais humana” (Ibid, p. 102). Freire foi um dos primeiros brasileiros a serem exilados pela ditadura militar, sendo acusado de subversão e preso no ano de 1964 durante setenta e dois dias. Após a prisão, partiu para o exílio no Chile, onde trabalhou por cinco anos no Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária (Icira), período no qual escreveu a obra “Pedagogia do oprimido”.

Durante o exílio foi convidado para lecionar nos Estados Unidos e também para atuar no Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, Suíça, prestando consultoria educacional a governos de países pobres, a maioria no continente africano. No ano de 1980 retornou ao Brasil beneficiado pela Lei da Anistia, a partir de então passou a fazer parte do quadro docente da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), atuando também como Secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo na gestão de Luísa Erundina. Doutor Honoris causa³ por 27 (vinte e sete) universidades, o trabalho de Paulo Freire é considerado Patrimônio Documental da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), cabendo destacar que foi homenageado em pelo menos 35 (trinta e cinco) universidades brasileiras e estrangeiras e mais de 350 (trezentas e cinquenta) escolas ao redor do mundo levam seu nome.

Para suprimir o Movimento realizado por Freire, completamente oposto à sua proposta, surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização/MOBRAL que se refere a um programa de aceleração escolar aprovado pela Lei Nº 5.379/1967, que provê sobre a educação destinada ao público jovem e adulto, objetivando uma formação básica restrita à habilidade de aprender a ler e a escrever. Segundo Coelho (2011), nos primeiros quatro anos de existência deste Programa, obteve-se a redução de 5% a 10% no índice de analfabetismo no Brasil. Por outro lado, devido à recessão econômica que ocorreu por volta dos anos de 1980, o MOBRAL não teve continuidade e cinco anos mais tarde, foi substituído pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos - EDUCAR⁴, a qual também foi extinta anos mais tarde, especialmente em função da falta de apoio financeiro.

A partir de meados da década de 1980 e da primeira metade dos anos 2000, surgiu um conjunto de ações governamentais, da sociedade civil organizada e também dos movimentos populares, considerados importantes à garantia do direito público à educação de jovens, adultos e idosos. Friedrich, et all (2010) infere que, após a extinção da Fundação EDUCAR que ocorreu em 1990, dá-se a descentralização política da EJA, momento em que a responsabilidade pública dos

³ Título honorífico utilizado quando uma universidade de prestígio deseja conceder um título de honra para uma personalidade de grande destaque ou importância por seu trabalho.

⁴ O Decreto nº 91.80 de 25 de novembro de 1985 redefine os objetivos do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, alterando sua denominação e adotando novas providências.

programas de alfabetização e pós-alfabetização foram transferidas aos municípios. Destaco que, a década de 1990 é marcada pelo surgimento e a consolidação dos Fóruns EJA, voltados para a defesa da educação pública e de qualidade à todas as pessoas sem distinção, sobretudo ao público alvo destes eventos; cidadãos excluídos do sistema regular de ensino. Conforme afirmam as autoras:

Os fóruns de EJA encontram seu marco inaugural na convocação da Unesco, em 1996, sendo organizados como encontros preparatórios para a V Conferência Internacional sobre Educação de adultos, que acontecia em Hamburgo em 1999 (OLIVEIRA; PAULA, 2011, p. 38).

Os fóruns de EJA se consolidaram em todos os estados brasileiros alcançando o seu espaço nas esferas de aprendizagem com diálogos, descobertas e compartilhamentos de possibilidades democráticas. Resultante das experiências com os fóruns originou o Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos-Eneja, o qual acontece anualmente desde 1999.

Com a aprovação da LDB 9394/96 e das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos Parecer nº 11/2000, a EJA é caracterizada como modalidade da educação básica correspondente ao atendimento de jovens e adultos que não frequentaram ou não concluíram a educação básica, portanto, destinada àqueles que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos no Ensino Fundamental e no Ensino Médio na idade própria. Diante do compromisso no sentido de contribuir no processo de construção de uma sociedade mais justa e igualitária, o artigo 59 da referida Lei estabelece que aos sistemas de ensino cabe assegurar gratuitamente, a oportunidade de acesso e continuidade dos estudos aos jovens e adultos que por fatores distintos foram impossibilitados de seguirem o seu processo educacional na idade considerada ideal. Neste aspecto, são consideradas as características do estudante com idade acima de 15 (quinze) anos para o Ensino Fundamental e de 18 (dezoito) anos para o Ensino Médio.

A educação de adultos caracteriza-se pela postura da *United Nations Education Social and Cultural Organization* (UNESCO) reportando-se a uma área especializada da educação. Educação não formal é utilizada pelos Estados Unidos para fazer referência à educação de adultos dos países de terceiro mundo, onde reserva-se o uso do termo educação de adultos (GADOTTI; ROMÃO, 2006).

Esses documentos trouxeram alterações e ampliações conceituais produzidas desde o final da década de 1980, ao usar o termo Educação de Jovens e Adultos para assinalar as ações anteriormente conhecidas como Ensino Supletivo. No Parecer do Conselho Nacional de Educação (2000), a EJA expressa também a concepção de resgate de uma dívida social de herança colonial negativa, quando se preservou tangivelmente uma educação que fortaleceu a desigualdade social.

A heterogeneidade peculiar a esta modalidade de ensino faz com que o espaço do diverso seja repleto de riqueza social e cultural. Há aspectos que fazem desses estudantes seres ímpares que, por meio de suas histórias de vida, de suas memórias e representações, preenchem o cotidiano da Educação de Jovens e Adultos e, por sua vez, precisam ser preenchidos por “escolas” e outros espaços que entendam as suas particularidades. (ALMEIDA, CORSO, 2015, p. 1284).

Entre os anos de 2003 e 2006, no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva⁵, houve o investimento em importantes políticas públicas voltadas para a EJA, por exemplo, a criação do Programa Brasil Alfabetizado que envolveu simultaneamente, a geração de três vertentes de cunho social com enfoque na modalidade EJA. São elas: Projeto Escola de Fábrica que oferece cursos de formação profissional com duração mínima de 600 (seiscentas) horas para jovens de 15 a 21 anos; PROJOVEM, com vistas à educação profissional e qualificação social a partir das demandas de diversas áreas da economia brasileira, tendo como público alvo o segmento juvenil com faixa etária entre 18 e 29 anos de idade, com escolaridade superior ao 5º ano, mas que não tenha concluído o Ensino Fundamental e que não tenha vínculo formal de trabalho e Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA) voltado para a Educação Profissional técnica em nível de Ensino Médio. As diversas mobilizações desenvolvidas, a partir dos anos 1990 culminaram na qualificação dos fóruns como interlocutores legítimos do MEC, no que se refere à proposição e avaliação de políticas públicas para a EJA. Tais mobilizações se consolidaram na representação na Comissão Nacional de Alfabetização de Jovens e Adultos (Cnaeja), extinta no início de abril de 2019, por um decreto federal que modificou o Sistema Nacional de Participação Social.

⁵ 35.º presidente do Brasil, tendo exercido o cargo durante dois mandatos, de 1 de janeiro de 2003 a 1 de janeiro de 2011.

No ano de 2015 foi lançada a primeira versão da Base Nacional Curricular Comum – BNCC⁶, valendo destacar que a EJA não foi mencionada neste documento, salvo quando determinados textos trouxeram informações sobre eixos e conteúdos que se aplicam às crianças, jovens e adultos. Tal ausência foi alvo de amplos questionamentos de educadores e demais representantes desta modalidade. Na segunda versão da BNCC, mais precisamente em abril de 2016, a educação voltada para jovens e adultos foi mencionada ainda que de uma forma superficial. Ou seja, onde se lia: “crianças e adolescentes”, neste documento passou-se a ler: “crianças, adolescentes, jovens e adultos”. Contudo, nenhum direcionamento mais aprofundado à esta modalidade de ensino foi incorporado, fato este que mais uma vez endossa a marginalização da EJA no contexto da educação regular.

Mais tarde, na terceira versão da BNCC para o Ensino Fundamental, a EJA foi deixada de lado, evidenciando que tal documento não se aplicaria a esta modalidade, pois nenhuma proposição foi mencionada. Não o bastante, em abril de 2018, repetindo o mesmo descaso com esta modalidade foi lançada uma nova versão da BNCC, desta vez com enfoque no Ensino Médio, e, novamente sem mencioná-la, conforme constata-se no Caderno Pedagógico⁷:

Em mais de 500 páginas, há apenas uma única menção a essa modalidade, ao lado de outras, na página 17, quando é dito que na organização de currículos é preciso considerar as diferentes modalidades de ensino atendendo-se às orientações das DCN. (2020, p. 73)

Para reforçar o lugar marginal da EJA, no ano de 2018, o Conselho Nacional de Educação permitiu que 80% da carga horária desta modalidade fosse cumprida na forma de Educação a Distância – EAD, proposição esta que até o momento está em processo de implantação, porém, com carga horária adaptável à realidade local. Para que esta prática seja adotada, os Estados, responsáveis pela formação dos currículos necessitam que os conselhos locais a aprovem.

Cabe aqui mencionar que a EAD, se refere a uma modalidade de ensino que vem conquistando o seu espaço no século XXI. Contudo, o estudante da EJA tem

⁶ Documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

⁷ O Caderno Pedagógico é produzido pelas editoras Ática, Scipione e Saraiva, desde 2018, com o intuito de colaborar para reflexões acerca de temas contemporâneos da educação e que façam sentido para o dia a dia da escola.

um longo período de defasagem escolar e para saná-la se faz necessária a mediação presencial diária do professor em sala de aula. Ponto que de acordo com os dados do Censo Escolar, desde o ano de 2017, convive-se com a gradativa redução da procura pela EJA e para reforçar este panorama, a EAD tende a inviabilizar a permanência dos estudantes nesta estrutura educacional, em função dos mesmos conciliarem o trabalho com os estudos. No entendimento de Larrosa (2019), existem vários fatores que pouco ou nada contribuem para que o saber da experiência aconteça ou que seja percebida pelo sujeito, dentre eles, a falta de tempo e o excesso de trabalho.

Em geral, o estudante da EJA lida com propostas curriculares que desconsideram a sua vida cotidiana e o seu contexto, assim como, os seus conhecimentos e experiências adquiridas ao longo de suas vidas.

Cabe ao Estado o investimento em políticas educacionais pautadas na formação docente, nos processos avaliativos e curriculares que abrangem a diversidade desse público, primando pela qualidade de ensino e não abandonando-os à sua própria sorte.

A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem (BRASÍLIA, 2006, p. 16).

Neste contexto, é crucial que a escola adote ações pedagógicas que contribuam com o resgate da autoestima dos estudantes, valorizando-os e respeitando-os como indivíduos egressos ao ambiente escolar. Vale assinalar que é no dia a dia da escola que a relação entre professor e estudante se estreitam, proximidade esta geradora de aspectos afetivos, compreendidos como imprescindível no processo de ensino e aprendizagem. A Base Nacional comum Curricular - BNCC (2018) menciona que, ao longo da história do Brasil, as desigualdades educacionais foram naturalizadas, por esta razão, de acordo com este documento, aos sistemas e redes de ensino cabe o planejamento com foco na equidade, o que pressupõe o reconhecimento de que as necessidades e o contexto de vida dos estudantes são diferentes entre si.

Por intermédio dessa política educacional, a EJA viabiliza que o estudante volte aos estudos, e possa concluí-lo com a mesma igualdade e qualidade ofertada

no ensino regular⁸. A BNCC recomenda que o planejamento tenha como foco a equidade curricular, assegurando a atenção do estudante e o seu desejo de permanecer no espaço educativo, minimizando desta forma, a exclusão de determinados sujeitos. No caso da reinserção escolar a EJA aponta para a construção de um currículo flexível, extraindo o básico para que possa atender as necessidades e expectativas dos jovens e adultos das classes populares.

De acordo com esse documento a linearidade dos conteúdos básicos previstos para o ensino regular deve constar também na educação voltada para jovens e adultos. Esta proposta pedagógica deve se adequar às necessidades formativas e às especificidades do educando jovem e adulto, respeitando a distorção em relação à idade e escolarização dos mesmos. Ainda, mais precisamente de acordo com as Diretrizes Curriculares da EJA do estado do Paraná, é imprescindível que o planejamento curricular do professor desta modalidade de ensino considere as experiências de vida dos estudantes que carregam consigo uma bagagem cultural, construída no dia a dia em consonância com as suas relações com o outro e com o meio no qual está inserido.

1.2.1 Abordagem sobre o perfil dos estudantes: permanência, abandono e retorno

O aprofundamento da análise sobre o universo da EJA requer a compreensão da trajetória de vida dos sujeitos envolvidos nesta modalidade de ensino. Tal argumentação se baseia no fato de que cada um dos seus estudantes é portador de histórias únicas, de experiências e saberes individuais, fatores estes que direta e/ou indiretamente contribuíram e ainda contribuem para o afastamento regularmente prolongado da escola.

Muitos deles são trabalhadores, com responsabilidades que fazem parte do mundo social e familiar, e carregam consigo “valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos” (BRASÍLIA, 2006). Diante deste contexto, é essencial que a escola amplie o seu

⁸ O termo ensino regular ao qual o texto faz referência é utilizado para padronizar e organizar a educação básica. Nesse caso, para que o aluno possa frequentar o ensino regular, ele deve estar dentro da faixa etária de cada nível da educação básica. Caso o aluno tenha 15 anos ou mais e ainda não tenha concluído o Ensino Fundamental, ele não faz mais parte do ensino regular. Uma opção, nesse caso, para finalizar os estudos, é a EJA.

olhar sobre estratégias e procedimentos que envolvem a escolarização de jovens e adultos, homens e mulheres que buscam na escola, a promoção do seu desenvolvimento pessoal e intelectual. Em seus estudos sobre o assunto, Oliveira (1999) aponta que a EJA contribui para evidenciar as especificidades culturais, na medida em que os estudantes aos quais se dirigem as ações educativas se inserem em um segmento específico da população.

O adulto, para a EJA, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo... E o jovem, relativamente recentemente incorporado ao território da antiga educação de adultos, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extra-curriculares em busca de enriquecimento pessoal. Não é também o adolescente no sentido naturalizado de pertinência a uma etapa bio-psicológica da vida (OLIVEIRA, 1999, p.1).

Em geral, o estudante da EJA é aquele que se manteve afastado da escola convencional na idade considerada como mais apropriada e retorna ao ensino, com vistas à concluir os seus estudos por inúmeros fatores, dentre eles a colocação no mercado de trabalho e para aprender a ler e escrever por questões pessoais. São jovens e adultos, muitos deles sem emprego, outros inseridos no mercado de trabalho de forma precarizada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº 9.394 de 1996, em seu Art. 5º determina o recenseamento da população em idade escolar para o Ensino Fundamental e, também dos jovens e adultos que não tiveram acesso a este nível de ensino.

Por outro lado, os dados apresentados no ano de 2005 pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP), apresentam um alarmante índice de analfabetismo funcional: aproximadamente 100 milhões de brasileiros. Também aponta o total de cinquenta milhões de pessoas que não completaram o ensino básico, colocando em evidência as desigualdades entre gênero, entre as regiões do país e renda. Estes dados apontam para trajetórias escolares, familiares e sociais que são marcadas por desigualdades econômicas e étnico-raciais que historicamente tem marginalizado a população negra e afetam sua inclusão no mercado de trabalho. Por exemplo, pesquisas indicam que os negros são os que mais abandonam a educação básica (Ensino Fundamental e Médio) antes de concluí-la e no âmbito da Educação Profissional, a participação dos negros totalizou

26% e a dos brancos 43%, conforme dados do INEP de 2005.

No ano de 2019, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD divulgou com base no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE que 20,2% dos jovens não completaram o Ensino Médio, em função de terem abandonado a escola antes de concluir esta etapa ou mesmo por nunca ter frequentado, sendo que 10,1 milhões estão nesta situação. Deste total, 58,3% são homens e 41,7% são mulheres, a maioria, ou seja, 71 é composta por pretos ou pardos e 27,3% são brancos. Se por um lado estas informações revelam injustiças sociais e exclusão educacional, por outro lado pode-se concluir que muitos jovens negros compreendem a EJA como sendo uma possibilidade de elevação de escolaridade e qualificação profissional.

Estas pessoas encontram na escola a possibilidade de conclusão da educação básica e condições para conquistarem melhores possibilidades de emprego. Assim, aos profissionais e pesquisadores que atuam no campo da EJA e da educação profissional cabe, manterem-se atentos às especificidades da profissionalização e da educação básica das populações que apresentam trajetórias específicas. Neste contexto, a diferenciação não se restringe à faixa etária, mas, principalmente por uma questão de especificidade sócio histórico-cultural (FERRARI, 2011). De fato, o multiculturalismo tem exercido um papel preponderante nas negociações e demandas por equidade social e racial, pois o capital cultural dos diferentes grupos e classes sociais não é igualmente valorizado e aceito por grupos sociais hegemônicos e elites econômicas.

Motivados pela perspectiva de oportunidades na melhoria de vida pessoal e profissional, jovens e adultos retomam os seus estudos. Assim, a EJA tem como público alvo, indivíduos provenientes de uma classe social menos favorecida em busca da certificação básica de escolaridade, para melhor se adaptarem às demandas do mercado de trabalho marcado pela competitividade. Também, procuram dominar os saberes escolares, na expectativa da ascensão social, seja pelo preenchimento de vagas de melhores empregos, seja pelo desejo de alcançarem e cursarem o ensino superior. Muitas pessoas das diversas classes sociais dão prosseguimento aos estudos no Ensino Superior, sobretudo para a garantia da inserção no mercado de trabalho, e especialmente no que se relaciona àquelas pertencentes à classe pobre, encontram neste nível acadêmico a expectativa de um futuro mais promissor.

Em geral, o mercado de trabalho tende a uma melhor remuneração, de acordo com o currículo escolar dos trabalhadores, que muitas vezes, apresentam habilidades específicas conforme vão se aprimorando, portanto, para além do aprendizado sistematizado. De acordo com Oliveira e Paula (2011), como professores, sabemos que uma significativa parcela de jovens e adultos concilia as suas atividades profissionais com o estudo. Mas, o segmento dos estudos são severamente prejudicados devido à precarização do trabalho, salários baixos e até mesmo do desemprego. Em sua maioria, os sujeitos estudantes da EJA se mantêm em trabalhos informais e/ou subempregos porque lhes falta a qualificação, ainda que muitos deles tenham uma vasta experiência em determinados ramos.

De acordo com Martins (2012), o avanço tecnológico propicia aos cidadãos uma participação efetiva no mundo, por meio dos meios de comunicação em rede, lembrando que dia-a-dia, expande-se exponencialmente o processamento das informações. Com as novas formas de comunicação e transferência de dados pela rede, surgiu uma nova forma de interação social que converte o cidadão moderno num cidadão do mundo. Contudo, a grande maioria da população brasileira, não tem acesso ao conjunto de recursos tecnológicos que, em geral, impõem a aquisição de novas qualificações profissionais para a adaptação e a permanência do indivíduo no mercado de trabalho. Sabe-se que a tendência mundial é a de que tarefas mecânicas sejam realizadas por máquinas.

Neste contexto, compreendo a escola, como fundamental no processo formativo do estudante, sobretudo quando comprometida em acompanhar os processos de mudança e oferecer uma formação adequada às novas necessidades da vida moderna, da qual fazem parte estudantes de variadas faixas etárias. Cabe especificar os estudantes da EJA, que em geral retornam aos bancos da escola, alguns deles em idade avançada, sem qualquer familiaridade com as demandas do mercado de trabalho.

A realidade sociocultural e econômica dos sujeitos da EJA requer um quadro de professores preparados para atuarem, sobretudo movidos pelo compromisso de contribuir na permanência da escola e na continuidade dos estudos daqueles que buscam suprir ou compensar a escolaridade perdida em sua trajetória de vida. Tal proposição requer a preparação de profissionais no campo da docência que tenham uma formação específica para lidarem com responsabilidade e comprometimento com esta modalidade de ensino. Neste caso, assim como aos professores de todos

os níveis educacionais, a formação continuada e a prática docente cotidiana é fundamental a estes profissionais da educação que têm em sala de aula, sujeitos que carregam consigo a marca da exclusão social. Interessada no processo de escolarização do jovem estudante da EJA, Ferrari (2011), considera como crucial o reconhecimento deste como um sujeito, cuja história se diferencia de outros jovens com a mesma faixa etária.

A mesma autora assinala que o jovem da EJA seja compreendido como um indivíduo, “cujas condições de existência remetem à dupla exclusão, de seu grupo de pares da mesma idade e do sistema regular de ensino, por evasão⁹ ou retenção” (Ibid, p. 2). Para complementar, neste momento recorro à Ramalho (2010) que caracteriza a evasão como uma expulsão escolar, na medida em que a evasão deste jovem, refere-se à um ato sobre o qual não lhe foi dado o direito de escolha, ao contrário, trata-se de uma imposição sofrida, em razão de condições adversas e hostis do contexto social.

Os lugares sociais a eles reservados – marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis... – têm condicionado o lugar reservado a sua educação no conjunto das políticas públicas oficiais. De um modo geral, os sujeitos da EJA são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes, relacionados diretamente ao chamado fracasso escolar (ARROYO, 2001 p. 10).

Mas, para além dos conteúdos ofertados na matriz curricular, os espaços que se constituem no contexto da escola, podem ser compreendidos como o alicerce para o desenvolvimento social e cultural. E, o estudante que de fato é inserido neste contexto tem em seu repertório acadêmico suporte para atuar ativamente na sociedade, exercendo os seus plenos direitos como cidadão¹⁰. No entendimento de Freire (1984) tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador. Para o autor cultura vai além dos bancos de

⁹ Evasão escolar é quando o estudante conclui uma série, porém, não se matricula no ano seguinte. Apesar de parecer sinônimo de desistência, são conceitos diferentes, chama-se de desistência quando o estudante abandona os estudos durante o ano letivo.

¹⁰ De acordo com a DCE_EJA (2006, p. 33), o tempo e o espaço são aspectos da cultura escolar. Portanto, fazem parte da ação pedagógica, regulam e disciplinam educandos e educadores de diversas formas, conforme a escola ou mesmo conforme cada sistema educacional. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_eja.pdf Acesso em: 07/06/2022.

uma escola, ou seja, tanto um indivíduo letrado como um cancionista popular, ambos são pertencentes à cultura e são de igual importância na sociedade.

Para Freire (2004), os professores não devem se utilizar de uma pedagogia bancária, aquela que deposita o saber, que meramente transmite o conteúdo, portanto, sem qualquer espaço de debate. Cabe ao professor contribuir para o processo de desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes sobre o seu entorno, fator imprescindível em sua formação cidadã. E, concordando com o mesmo autor, na formação permanente do professor é crucial a reflexão crítica sobre a prática, pois somente quando ampliamos a percepção sobre as próprias ações e o porquê de agir de uma determinada maneira, nos tornamos capazes de mudar os próprios conceitos e comportamentos e, nesta esteira contribuir em processos de transformação social. Mas tal perspectiva requer a promoção da ingenuidade ao pensamento crítico, fato que não ocorre automaticamente, mas a partir do desenvolvimento da curiosidade insatisfeita e indócil do sujeito que se assume como ser social e histórico.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea, 'desarmada', indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito (FREIRE, 2004, p. 38).

A escola e o currículo possibilitam o ambiente adequado para que os estudantes desenvolvam o exercício das habilidades democráticas que permeiam o debate e o questionamento dos pressupostos baseados no senso comum. Os significados, conceitos e valores assimilados espontaneamente pelas pessoas no dia a dia se organizam a partir do senso comum, o qual oferece as condições para que operemos sobre a realidade circundante, na mesma medida em que nos orienta na busca do sentido da própria existência. Por outro lado, em se tratando de um conhecimento espontâneo, sem o rigor que requer o conhecimento científico, o senso comum tende à aceitação de padrões e questões sociais sem questionamento. Daí a importância do envolvimento ativo dos docentes nas atividades de crítica e questionamento sobre processos políticos e culturais implicados na reprodução de ideologias e nas práticas sociais opressivas em todos os aspectos da organização escolar, da vida diária em sala de aula e na vida

cotidiana. Lembrando que,

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar de diferentes, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2004, p.23).

Nesta perspectiva, docente e discente se fundem, ou seja, ambos se complementam em seus objetivos. E, no processo de ensino e aprendizagem é imprescindível que o professor valorize a bagagem de vida do estudante. Tal conceito nos leva a considerar que o aprendizado baseado na educação formal e não formal se complementam, cabendo reforçar que nesta trajetória, o estudante parte do lugar permeado pelo senso comum, para expandir a sua leitura de mundo, com base no conhecimento sistematizado.

Trata-se de uma política de inclusão educacional que visa uma melhor participação no mercado de trabalho e na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. Insisto na fundamental importância no investimento em estratégias pedagógicas que ofereçam a esses jovens os instrumentos que facilitem o seu aprender-fazer, o aprender a pensar e o aprender a pesquisar, sempre levando em conta a sua individualidade. Neste sentido, ao professor, participe do processo de construção de conhecimento do estudante, cabe propiciar espaços favoráveis à troca de informações, onde todos tenham a oportunidade de manifestar as próprias necessidades, interesses, projetos de vida. Afinal,

ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele (FREIRE, 2004, p. 119).

Esses estudantes evadiram por distintos fatores, tais como, dificuldade de acesso à escola; desestruturação familiar; necessidade de trabalho e geração de renda e falta intrínseca de interesse. Sendo assim, é possível afirmar que, os aspectos geradores da evasão fazem parte dos problemas educacionais que ainda contam com a desestrutura “política, ideológica, social, econômica, psicológica e

pedagógica e à ausência de metodologias de ensino que incorporem e articulem os conhecimentos dos quais os alunos são portadores” (HADDAD, 2002, p.89). Ou seja, na trajetória educacional estes jovens, adultos e também os idosos enfrentam variados desafios, nem sempre superados para a sua permanência. Os altos índices de abandono ao longo dos semestres ultrapassa o total dos aprovados, fato este que resulta no fechamento de turmas e turnos.

A convivência com a pluralidade, com a diferença, o exercício da alteridade, da tolerância e do respeito, no difícil processo de aprendizagem do reconhecimento do outro enquanto sujeito de direitos, tem sido uma das demandas no campo educacional. O multiculturalismo tem exercido um papel preponderante nas negociações e demandas por equidade social e racial, pois o capital cultural dos diferentes grupos e classes sociais não é igualmente valorizado e aceito por grupos sociais hegemônicos e elites econômicas. Sabe-se que, ainda hoje a escola tende à transmissão de um saber disciplinar, compartimentado, sem questionamentos políticos sobre a função e consequências de práticas excludentes que resultam na manutenção de desigualdades sociais.

1.2.2 EJA: Proposta Pedagógica Curricular para o Ensino da Arte

Nos anos de 1960 algumas escolas mantiveram professores com o domínio de conhecimento na área das artes plásticas, artes dramáticas, artes plásticas e dança, sem que os mesmos tivessem a habilitação para a docência nas linguagens artísticas específicas. De acordo com Rosseto (2018), com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 4024/61, as práticas educativas foram introduzidas nas escolas, quando muitas delas aderiram ao ensino das artes em geral. Tais escolas atenderam o Parecer 133/62 do Conselho Federal de Educação, segundo o qual “as práticas educativas atendem às necessidades do adolescente de ordem física, artística, cívica, moral e religiosa” (Ibid, p. 94). Neste momento surgiu o primeiro curso de formação de professores habilitados em teatro ofertado pelo Conservatório de Teatro em regime de curta duração.

Com a Lei de Diretrizes e Bases 5692/71 tem-se a inserção obrigatória na matriz curricular do primeiro e segundo graus a Educação Artística, considerada como atividade educativa, portanto não como disciplina. Esta determinação

surpreendeu as instituições educacionais, em função da obrigatoriedade do ensino da arte nas escolas sem que houvesse professores habilitados nesta área de conhecimento. Neste momento, foram criados os primeiros cursos universitários preparatórios do professor de Educação Artística, porém a implantação destes cursos aconteceu três anos após a publicação da referida Lei. A partir da determinação estabelecida pela Lei 5692/71, passou-se a investir em cursos de licenciatura curta na área, com duração de dois anos e compreendendo um currículo básico a ser desenvolvido em todas as escolas brasileiras. A proposta foi a preparação em um curto intervalo de tempo de um mesmo docente de arte capaz de lecionar os diversos conteúdos de Música, Artes Plásticas e Teatro, nas escolas de 1º e 2º graus.

De acordo com Japiassu (2001), os cursos com enfoque na formação de um profissional polivalente em distintas linguagens artísticas resultaram em um déficit de professores licenciados para a docência na Educação Artística das redes pública e privada de ensino. O ocorrido impôs às escolas, o recrutamento de pessoal com formação em áreas de conhecimento distintas, tais como: Comunicação e Expressão ou Educação Física, para atenderem de uma forma precária o currículo mínimo definido pelo MEC.

No final da década de 1970, vários docentes com formação em Arte passaram a manifestar o seu descontentamento com uma educação imposta pela ditadura militar, quando surgiram distintos movimentos em prol da especificidade das linguagens artísticas e da criação das licenciaturas plenas em Artes Plásticas, Dança, Desenho, Música e Teatro. Neste mesmo período foi criada a Federação de Arte-educadores do Brasil (FAEB). Gradativamente surgiram distintas associações, congressos, seminários, simpósios nacionais e internacionais voltados para o debate sobre o ensino da Arte.

Considero importante destacar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, por meio da qual o ensino da Arte conquistou uma nova e significativa dimensão no espaço educacional escolar, lembrando que com esta Lei, a disciplina Arte passou a ser considerada obrigatória no ensino básico. Em seu parágrafo segundo, do artigo 26 (capítulo II, seção I), lê-se que “o ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (NISKIER, 1996, p. 38). Ou seja, ainda que de uma forma genérica quanto ao ensino da Arte, a

LDB demarcou-a como disciplina e possibilitou a formulação de diretrizes para os cursos de graduação, com separação das linguagens artísticas.

No período compreendido entre os anos 1997 e 1999 foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte – PCN's Arte, documentos estes, fundamentados principalmente em Ana Mae Barbosa, mais precisamente na Proposta Triangular. Os professores de Arte participaram da elaboração dos PCN's, fato este que possibilitou a construção de um livro de arte e mais tarde, a implantação dos PCN's Arte, quando o caráter específico da Arte enquanto área de conhecimento humano se consolidou, “por meio das linguagens inerentes às Artes Visuais, Dança, Música e Teatro” (ROSSETO, 2018, p. 97). Neste documento, são especificadas as linguagens artísticas, com os seus respectivos conteúdos, além de apresentar sugestões voltadas para a criação de projetos educativos e o planejamento das aulas de Arte. O estabelecido pela LDB n. 9394/96, permanece nas escolas brasileiras, com algumas mudanças de carga horária e na maneira como é ministrada.

O Estado do Paraná, por exemplo, oferece 2 aulas de Arte semanais em todas as séries do Fundamental 2, e no Ensino Médio fica facultativo para a escola oferecer esta disciplina em uma ou duas séries. Já em outros estados, como São Paulo e Bahia, a carga horária é de uma aula semanal de Arte nas escolas públicas. Quanto às escolas privadas, em todo Brasil, há uma grande variação de carga horária e de abordagem, sendo que há escolas que oferecem o ensino das artes em aulas específicas no currículo diversificado, outras em atividades extraescolares, outras oferecem apenas a disciplina de Arte, contemplando todos os conteúdos em apenas uma hora semanal (CUNHA; LIMA, 2020, p. 90-91).

Novamente recorro às mesmas autoras acima mencionadas, segundo as quais atualmente, o documento orientador do sistema educacional brasileiro, será a Base Nacional Comum Curricular – BNCC que teve a sua homologação em 20 de dezembro de 2017, juntamente com a Resolução CNE/CP n. 2, de 22 de dezembro de 2017. Ambos os documentos substituíram os demais documentos curriculares que nortearam as práticas educacionais em nível Federal, Estadual e Municipal até 2017. Dentre eles constam o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998); os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1997) e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2000). Especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental, a

BNCC se refere à Arte como um componente inserido na área de conhecimento denominada de Linguagens, com objetivos, unidades temáticas, habilidades e competências específicas, prevendo ainda a ampliação de capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas.

No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte (BRASIL, 2017, p. 191).

No componente curricular arte do Ensino Fundamental II, esta área do saber se centra nas linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro que buscam articular fenômenos artísticos que envolvam práticas como: criação, leitura, produção, construção, exteriorização e reflexão de formas artísticas. A aprendizagem em arte acontece a partir de expressões sensíveis, intuitivas e subjetivas, dentre outras formas de expressão agregadas aos processos de ensino e aprendizagem.

Até o ano de 2019 a EJA realizava atendimentos individualizados e também coletivos no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio em todas as disciplinas que compõem a matriz curricular. Para o ensino de Arte, o total de carga horária distribuída era a seguinte: 112 horas/aula para o Ensino Fundamental e 64 horas/aula para o Ensino Médio. Com o Parecer 231/19 que entrou em vigor no ano de 2020, a estrutura curricular da EJA sofreu alterações, momento no qual a organização das disciplinas deixam de realizar atendimentos individuais, permanecendo somente o atendimento coletivo para todas as disciplinas, assemelhando assim à organização do Ensino regular. Em especial ao componente curricular arte no Ensino Médio, é possível constatar o descaso da BNCC aprovada em dezembro de 2018 para esta modalidade, na medida em que a Arte não é contemplada em sua plenitude.

Destaco que este documento prioriza as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática que devem ser desenvolvidas como componente obrigatório ao longo dos três anos deste nível de ensino. O ensino da Arte perde a sua posição de área

de conhecimento específico e passa a ser alocado na área de linguagens, junto às disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Educação Física, desconsiderando a sua dimensão crítica e conceitual, restringindo-a à uma disciplina acessória.

A Arte como um componente dentro da Área de Linguagem corre o risco de se tornar apenas uma disciplina acessória que ajudará a compreender determinado conteúdo de Língua Portuguesa ou de Literatura, acarretando na negligência de seus conteúdos próprios que ajudam na reflexão e na crítica de objetos artístico-culturais situados em diversos tempos históricos e em diferentes contextos culturais (PERES, 2017, p. 30-31).

De acordo com a BNCC Arte (2018, p. 193), “a aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores”. Contudo, este mesmo documento se contradiz, na medida em que sustenta o ensino da arte no ensino básico sob uma perspectiva polivalente, pois confere aos docentes a responsabilidade no trato com as quatro linguagens artísticas. Tal iniciativa se encontra na contramão, portanto, dos cursos de formação superior do professor de Arte, em geral voltados para a habilitação em uma única linguagem artística deste profissional.

Com base no próprio exercício docente, foi possível constatar que, em geral os estudantes da EJA não possuem familiaridade com as linguagens artísticas apresentadas, mas ao longo do ano letivo, em sua maioria eles se envolvem com os conteúdos abordados em sala de aula, resultando em participações ativas dos mesmos, sobretudo nas práticas teatrais propostas. As propostas teatrais para este público se tornam desafiadoras, principalmente por permitirem que os mesmos saem da zona de conforto e experimentem o novo. Concordo com a autora abaixo selecionada, segundo a qual,

Com a continuidade das vivências em jogos teatrais e exercícios, os alunos se mostram mais confiantes na importância de suas contribuições para o grupo e no uso do seu potencial para a resolução das propostas de aula. Jogar, improvisar, criar cenas, pensar juntos, escutar o outro, experimentar, avaliar, ajustar, polir... (FUCHS, et al, 2008, p.343).

No processo de ensino e aprendizagem dos estudantes da EJA, é fundamental que o professor considere as especificidades desta modalidade,

cabendo assinalar o respeito pela individualidade dos mesmos, lembrando que neste contexto educacional, uma mesma classe recebe desde adolescentes à idosos. Muitas vezes, como professora na disciplina Arte, especialmente quando norteadas por metodologias teatrais, defrontei-me com estudantes resistentes em se manifestar perante os demais colegas, quer seja a partir da expressão vocal ou da expressão corporal, sobretudo em função de sua timidez, fato este muito comum entre os estudantes da EJA. Entretanto, para romper o receio de se expressar, especialmente por meio do teatro, é preciso que estes estudantes reconheçam a escola como um local de pertencimento e acolhimento.

No processo educativo é de suma relevância que se trabalhe a autoconfiança desses jovens e adultos, que em geral retornam à escola, sentindo-se incapaz de acompanhar os conteúdos abordados em sala de aula, muitas vezes demonstrando fragilidade, timidez e reservados na sua relação com o outro. Para Peres, “a arte eleva o ser humano a dimensões cada vez mais especializadas, colaborando em seu processo de aprendizagem, desenvolvendo a abstração, a percepção visual, a imaginação, a criatividade, a sensibilidade, dentre outras potencialidades humanas”. (2017, p. 7)

Convivemos em uma sociedade marcada pela desigualdade social e opressão de classe, dentre outros processos demarcadores que tendem à exclusão e discriminação de sujeitos que, ao longo da vida deixam de exercer o seu direito de fala e de expressão.

Sabemos que todas as sociedades se movem através de estruturas conflitantes: como poderíamos nós, então, assumir uma virginal posição isenta diante de conflitos dos quais, queiramos ou não, fazemos parte? Seremos sempre aliados dos oprimidos ou cúmplices dos opressores. Fazer Teatro do Oprimido já é o resultado de uma escolha ética, já significa tomar partido dos oprimidos (BOAL, 2009, p.25).

Por intermédio da linguagem teatral em sala de aula, o estudante da EJA tem a oportunidade de experimentar as suas potencialidades expressivas, podendo ainda se ver representado em cena, a partir da própria história de vida. Por exemplo, o espaço cênico proporciona a vivência das questões que implicam no abandono, retorno e permanência nos bancos escolares, atividade esta que pode ser seguida de análise reflexiva sobre a própria situação enquanto estudante/cidadão em processo de formação educacional.

O teatro, então, torna-se instrumento de ressignificação social, de construção de identidade individual e coletiva, a partir do momento que propicia reflexões e novos olhares a respeito do espaço e dos acontecimentos que os cercam, dessa forma o teatro torna-se disciplina fundamental nas propostas curriculares de EJA (FUCHS, et al, 2008, p. 340).

Diante do exposto, considero que o teatro na escola, sobretudo na modalidade EJA, contribui na promoção de conhecimentos significativos no que se referem às estruturas cognitivas e sensíveis, pois trabalha com as potencialidades que as pessoas possuem, “transformando esse recurso natural em um processo consciente de expressão e comunicação” (KOUDELA 1998, p. 78). Por outro lado, o desenvolvimento artístico e estético se efetiva mediante a oportunidade de espaços adequados para reflexão das ações vivenciadas no espaço da cena, base para a elaboração e reelaboração de novas percepções do estudante sobre si, o outro e o meio no qual está inserido.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas também sujeito da História (FREIRE, 2004, p. 54).

Neste aspecto, a experiência teatral evidencia a sua potencialidade, no sentido expandir a percepção do indivíduo para além de uma visão pré-determinada e estabelecida da realidade, pois no ato de deslocamento do olhar, “o aluno passa a ver o mundo e a si próprio com outros olhos, ampliando o seu campo de experimentação criativa da realidade” (SOARES, 2010, p. 41). De fato, o teatro proporciona ao estudante a oportunidade de transcender os limites estabelecidos na vida cotidiana, em um atravessamento de fronteira para o contato com experimentações criativas e novas possibilidades de se inter-relacionar com o mundo. Neste sentido, é possível afirmar que esta área de conhecimento humano possibilita modos diferentes de representação e de crítica, promovendo a construção de pontos de vista e de percursos questionadores frente ao vivido, ao estudado, ao experienciado.

CAPÍTULO 2. UM ESTUDO DE CASO

Nesta etapa da pesquisa, me propus a desenvolver questões relacionadas à pesquisa de campo, que consistiram na observação dos objetivos apresentados, nas análises das práticas teatrais vivenciadas pelas estudantes e nas avaliações dos temas abordados e suas variáveis. Utilizei-me também de coleta de dados por meio de questionário, para elencar os principais motivos de abandono, retorno e permanência escolar que foram transpostos para a linguagem teatral sob a luz das técnicas selecionadas dos autores Augusto Boal e Viola Spolin, apresentando uma abordagem qualitativa¹¹ sobre o encaminhamento metodológico e uma análise reflexiva¹². Na sequência elaborei um item específico sobre a caracterização do ambiente escolar associado a este trabalho. Nesta mesma fase realizei um panorama geral da Educação e o Teatro no contexto pandêmico da COVID19¹³, sucedido por uma análise descritiva sobre as práticas teatrais realizadas em sala de aula. E, pautada na coleta de dados, selecionei uma categoria, que foi comum aos participantes, para aprofundar a análise de um dos principais aspectos que envolveram o abandono à educação escolar, bem como seu retorno e permanência.

2.1 Metodologia da Pesquisa

Nesta pesquisa com abordagem qualitativa, utilizei-me dos estudos teóricos, quando recorri, principalmente a autores vinculados à pedagogia teatral e também da educação, tais como Augusto Boal, Carminda Mendes André, Viola Spolin e Paulo Freire. A este escopo teórico associei a pesquisa de campo, mais precisamente no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos – CEEBJA-CIC, na disciplina Arte que tem como professora regente da turma participante da pesquisa, a senhora Nilza Regina Melo, habilitada nas Artes Visuais pela Faculdade

¹¹ Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa **qualitativa** envolve uma **abordagem** interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

¹² Para Embree (2011), o argumento básico de Análise Reflexiva é que a fenomenologia é fundamentalmente uma abordagem, ao invés de um conjunto de textos ou conceitos: abordar fenomenologicamente envolve modos de observação e análise que podemos aprender, para obtermos melhores resultados.

¹³ A COVID-19 é uma doença infecciosa respiratória aguda, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca.

de Artes do Paraná – FAP.

Devo apontar que para a fundamentação teórica, utilizei-me de um fichamento com base nas leituras desenvolvidas. Acrescento que fez parte integrante da coleta de dados os seguintes recursos: um diário de bordo, questionários com perguntas estruturadas e semi-estruturadas, registros fotográficos, que devido ao contexto pandêmico foram substituídos por capturas de tela, narrativas autobiográficas e auto avaliativas.

No início do primeiro bimestre de 2021 entrei em contato com a diretora da referida escola, professora Walliana Takasaki Costa, que mediante a solicitação formal, já providenciada pelo PPGARTES e devidamente encaminhada à mesma, autorizou a realização da pesquisa de campo no primeiro semestre do referido ano. Neste mesmo período encaminhei via e-mail, um questionário aos professores que ministravam aula na EJA desta instituição escolar, os quais reencaminharam o questionário com as respectivas respostas, ao todo cinco professores habilitados na área da Arte participaram desta etapa, (Anexo 1), incluindo a professora Nilza.

No primeiro bimestre foi encaminhado o questionário elaborado para a diretora Walliana (Anexo 2), em que foi possível ampliar o meu conhecimento sobre o contexto dessa escola e também da realidade, necessidades e interesses dos estudantes envolvidos. Neste momento, fui informada sobre o turno; expectativas de retorno às aulas remotas síncronas com definição quanto à modalidade a ser implementada em tempos de pandemia; o total de estudantes que compõem a turma específica e também a estrutura disponível, plataforma virtual *Classrom*.

Tais informações foram fundamentais para a elaboração dos planos de aula aplicados. Ainda no primeiro bimestre realizei algumas horas de observação das aulas da professora Nilza para melhor compreender a relação professora/estudantes, a metodologia desenvolvida pela mesma, a receptividade da turma em relação às aulas de Arte, as quais puderam ampliar a reflexão sobre o objeto de estudo desta pesquisa. As informações obtidas nos questionários foram complementadas com a leitura e análise do Projeto Político Pedagógico do CEEBJA, para melhor compreender a sua história, o seu currículo, proposta de avaliação, dentre outras questões relacionadas aos princípios educacionais.

No início me propus em utilizar 24 horas aulas para a pesquisa de campo, sendo 2 (duas) delas para a observação. No entanto, com a redução da carga horária do Ensino Médio de 64 hora/aula para 60 hora/aula, utilizei 21 hora/aula para não

comprometer o cronograma original da escola, por causa das demandas das outras linguagens artísticas. Dois momentos de observação foram realizados, um sem sucesso, pois na *meet* estavam presentes apenas eu e a professora Nilza. Em um segundo momento com apenas 3 (três) estudantes, nesta época, o professor Jackson estava substituindo a professora Nilza.

De acordo com o já mencionado anteriormente, para as aulas práticas desenvolvidas, a partir do início do segundo bimestre, recorri às propostas teatrais desenvolvidas por Augusto Boal, especialmente o Teatro Fórum, o Teatro Imagem e o Teatro Jornal e também às proposições pautadas em Viola Spolin. Todas as aulas práticas foram acompanhadas de exercícios voltados para a expressão corporal, expressão vocal, e demais atividades associadas à integração individual e coletiva. As encenações tiveram como temática a trajetória de vida dos participantes, para melhor compreender o seu processo educacional, marcado pelo abandono dos bancos escolares.

2.2 Caracterização do ambiente educacional da pesquisa: Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos - CEEBJA/CIC

O Projeto Político Pedagógico do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA-CIC), documento elaborado pelos docentes, discentes, agentes educacionais, equipe diretiva e pedagógica, concebe um instrumento que reflete acerca das diretrizes do processo de ensino aprendizagem, baseando-se na realidade dos estudantes, suas expectativas e possibilidades concretas. Este documento preza a escola como vínculo de educação e sua integração na comunidade em que vive, a qual pauta-se na realização do ser humano com base em princípios e valores éticos.

No questionário respondido pela diretora Walliana (anexo 2), especificamente com relação a questão de número 5 (cinco), a qual pergunta: Qual é o público do CEEBJA-CIC? A diretora responde que “na sua maioria adultos trabalhadores, pais e mães de família, alunos de inclusão e atualmente uma grande faixa de alunos adolescentes egressos do regular”.

O CEEBJA-CIC, que atualmente possui sede própria no Bairro Novo Mundo, no endereço: Travessa Augusto Marach, 224, Curitiba – PR, CEP: 81020-220, desde dezembro do ano de 2019, fez parceria com o Colégio Estadual Francisco de Azevedo Macedo – CEFAM, período em que as duas escolas utilizaram o mesmo espaço físico durante o ano de 2020. Em 2021 o prédio passou a ser de posse exclusiva do CEEBJA-CIC, no entanto, com a ressalva pré-estabelecida em Ata de haver a mudança do nome da Instituição, a qual passará a chamar-se CEEBJA Francisco de Azevedo Macedo. Vale destacar que o CEEBJA-CIC até julho de 2009 esteve em parceria com o Sistema FIEP utilizando os espaços cedidos pelo SESI-CIC e SESI-Portão. Após desfeito a parceria com estas Instituições, a mantenedora passou a locar o prédio situado na Rua: Pedro Gusso, nº 1259 no Bairro CIC, CEP: 81050-200, para instalações da escola. Estes dois endereços anteriores estão localizados em regiões periférica da cidade de Curitiba/PR. O Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) recebe o nome fantasia CEEBJA-CIC, em que a representação da sigla CIC faz referência à Cidade Industrial de Curitiba, região que é composta por diversas empresas e indústrias, o qual, a maioria dos estudantes atendidos pela escola são trabalhadores das mesmas, porém, com a mudança de prédio o nome da escola está em processo de mudança, conforme mencionado acima.

Segundo informações extraídas da equipe diretiva da escola, no segundo semestre do ano de 2021, a Instituição prestava atendimento a 23 (vinte e três) turmas no Ensino Fundamental e 37 (trinta e sete) turmas no Ensino Médio. O montante de 60 (sessenta) turmas estavam distribuídas entre os períodos da manhã, tarde e noite, contando com as 06 (seis) APED'S – Ações Pedagógicas descentralizadas, que são 02 (duas) escolas Municipais cedidas para o Estado e 04 (quatro) escolas Estaduais. Além de ser acompanhadas por um total de 70 (setenta) professores, 03 (três) componentes da equipe diretiva, e 08 (oito) da equipe pedagógica (8).

As idades dos estudantes do CEEBJA-CIC equivalem à idade mínima de 15 anos para cursar o Ensino Fundamental (fase II) e 18 anos para cursar o Ensino Médio. No que se referem aos educadores atuantes no CEEBJA-CIC, a grande maioria pertence ao quadro próprio do Magistério – QPM, admitidos por concursos, além de profissionais que trabalham por meio de Processo Seletivo Simplificado – PSS, que são contratos temporários, renovados anualmente. A exigência mínima

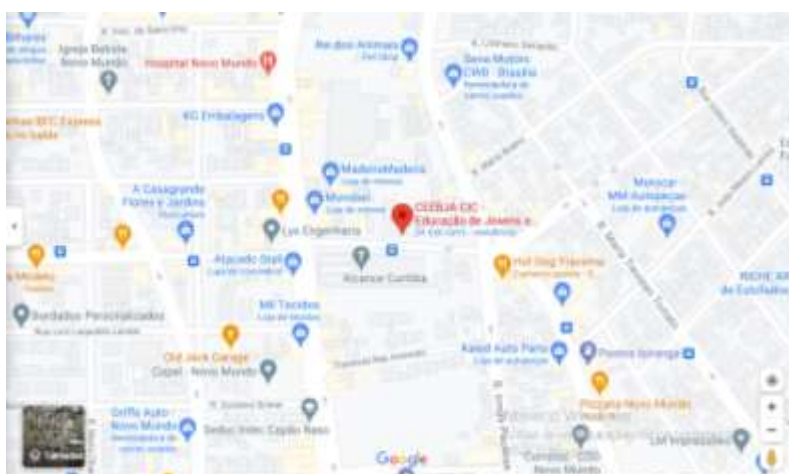
para os educadores é a graduação nas áreas das licenciaturas, com incentivo para a formação continuada, por meio de pós-graduação nos níveis de mestrados e doutorados.

Ainda com relação ao questionário respondido pela diretora Walliana (anexo 2), cabe ressaltar a questão de número 14 (quatorze): Como gestora de que maneira você enxerga a arte na escola? Em resposta a gestora relata: “de suma importância para que o educando adulto que não teve oportunidade de acesso tanto aos conteúdos da disciplina bem como de se expressar artisticamente ao longo da vida. Incentivamos a participação deles em espaços culturais, como museus, teatros, exposições artísticas, festivais, etc”. Para o desenvolvimento desta pesquisa, a receptividade da equipe gestora foi de extrema importância, pelas informações fornecidas no questionário e por ter prontamente autorizado sua realização.

Foram considerados os seguintes aspectos para a escolha desta Instituição para o desenvolvimento da pesquisa: ser uma escola a qual possui lotação e nela ter trabalhado por cerca de 5 (cinco) anos, ter oferta e afinidade com a modalidade de ensino EJA, com o intuito de desenvolver o ensino de teatro com vistas à formação acadêmica desses estudantes.

A figura abaixo apresenta a localização atual do CEEBJA-CIC no recorte do mapa de Curitiba/PR.

Figura 01 - Localização do ambiente escolar para desenvolvimento da pesquisa



Fonte: *Google Maps*, 2021.

Nesta nova instalação do CEEBJA-CIC, as aulas de Arte ganharam um

espaço adicional às aulas regulares, pois conta com um local para eventos que contém um palco, favorecendo as atividades teatrais. No entanto, para o desenvolvimento desta pesquisa não foi possível utilizá-lo devido ao período de isolamento social da (COVID19), cujos encontros foram remotos e síncronos.

2.3 A Educação e o Teatro em tempos de pandemia de Covid19

Que a educação precisa ser ativa e acompanhar os avanços tecnológicos e seus acessos serem popularizados, não era nenhum segredo, o que não se esperava era que em pleno século XXI, uma pandemia mundial de Covid19 fosse afetar diretamente uma estrutura consolidada de educação, que rapidamente passou de presencial para um formato remoto, obrigando as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação, e Instituições de Ensino privado a tomarem medidas urgentes em relação à utilização das mais novas tecnologias educacionais, adotando o ensino remoto em ambientes virtuais que possibilitaram que as aulas pudessem ser continuadas durante o período de pandemia que ainda está acontecendo no mundo.

Neste contexto de mudança mundial, docentes, até mesmo os mais relutantes quanto ao uso da tecnologia tiveram que se adaptar ao novo normal em relação a continuidade das aulas. De modo intuitivo, ou através de cursos também neste formato remoto, foi necessário buscar aprender a usar as variadas ferramentas tecnológicas. Almeida aponta que:

As tecnologias começaram a entrar nos espaços educativos trazidos pelas mãos dos alunos ou pelo seu modo de pensar e agir inerente a um representante da geração dos nativos digitais e passaram a fazer parte da cultura, tomando lugar nas práticas sociais, ressignificando as relações educativas ainda que nem sempre estejam presentes fisicamente nas organizações educativas. Dentre os artefatos tecnológicos típicos da atual cultura digital, com os quais os alunos interagem mesmo fora dos espaços da escola, estão os jogos eletrônicos, que instigam a imersão numa estética visual da cultura digital; as ferramentas características da Web 2.0, como as mídias sociais apresentadas em diferentes interfaces; os dispositivos móveis, como celulares e computadores portáteis, que permitem o acesso aos ambientes virtuais em diferentes espaços e tempos, dentre outros. (ALMEIDA, 2011, p. 5).

O autor se refere a um período anterior à pandemia de Covid-19, momento em que a ideia de utilizar tecnologias educacionais era compreendida quase que exclusivamente para apoiar a aprendizagem. No entanto, a necessidade do uso da tecnologia na educação para manutenção das atividades escolares durante a pandemia promoveu uma significativa mudança nos processos de ensino e aprendizagem. No cenário pandêmico, a incessante busca pelas ferramentas tecnológicas influenciaram fortemente nos ambientes educacionais que realizaram eventos nos espaços virtuais, tais como: palestras, cursos, jornadas, congressos, seminários, fóruns e etc.; na maioria das vezes, por meio da utilização de ferramentas síncronas¹⁴, formato remoto que se assemelha a uma das características da EaD (Educação a Distância). Para Moran (2002, p. 1) a EaD é definida como um processo de “ensino/aprendizagem onde professores e alunos não estão normalmente juntos, fisicamente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a internet”. O termo “remoto” trata-se de uma nova terminologia que se refere ao formato síncrono. Contudo, é importante ressaltar que o ensino na modalidade remota é uma adaptação de acordo com as resoluções apresentadas pelo Ministério da Educação e as instâncias municipais e estaduais de Educação, e que não é ensino à distância (EAD).

As Instituições públicas Municipais e Estaduais adotaram o meio de comunicação via *Google Meet* para reuniões pedagógicas, as quais a equipe pedagógica e equipe diretiva assumem o papel de mediadora, exercendo funções como: conduzir a reunião, desligar e ligar microfones dos participantes quando há necessidade devido à intercorrências e compartilhar telas. A rede Estadual de Ensino do Paraná ampliou o uso da ferramenta *Google Meet*, orientando os docentes a realizarem videochamadas com os estudantes. No entanto, mesmo com incentivo das equipes diretivas e pedagógicas o uso desta plataforma não obteve muito êxito no ano de 2020, devido ao grande número de estudantes que não tinham acesso à internet, por esta razão, o Estado do Paraná não adotou medidas obrigatórias para o uso dela, tornando-a apenas complementar. O meio oficial em tempos de pandemia na rede Estadual foi a plataforma do *Google* sala de aula,

¹⁴ Comunicação em que a mensagem é recebida e imediatamente respondida, geralmente se refere a interações em que é possível estar presencialmente, ou pelo telefone, por videoconferências, etc.

conhecida como *Classroom*, através dela foi vinculada a presença dos professores no ambiente virtual e as postagens de atividades e avaliações. Por este meio, o docente fez uso do mural para garantir sua presença e mediar a aprendizagem dos estudantes. Nas Instituições particulares, em sua maioria, o ensino remoto foi adotado de modo síncrono, os quais as aulas ocorreram semelhantes ao horário de aula presencial. No ano 2021, a rede Estadual de Ensino no Paraná adotou as videoconferências, tornando-as obrigatórias.

Diante do exposto se faz necessário refletir sobre esse novo formato remoto de aprender, adotado como medida urgente que exige disciplina e demanda tempo, fato este que dificulta resultados positivos em determinados grupos, pois para aprender de fato, é necessário passar por determinadas experiências que agregam valores e sejam significativas. Neste caso, como ocorre a aprendizagem dos estudantes estando apenas em contato virtual, sendo esta uma determinante da educação presencial? Como proceder? Com quais instrumentos? Como analisar? Através de quais critérios? Estas são perguntas constantes no, agora, dia a dia do professor que foi inserido em um processo educacional que merece constantes estudos e polêmicas, face ao caráter ideológico e político que assume. É um desafio maior, dada a ferramenta que se possui sendo *online*, sem relações presenciais e com especificidades da educação na *web*.

E o Teatro? Como ele se adapta a este contexto pandêmico? O Teatro sendo uma linguagem que desde seu nascimento configura numa arte totalmente presencial, que possibilita o contato visual dos atores com o público ao vivo e em cores, que a cada cena as sensações vão à flor da pele, esse encontro entre atores e público, o calor humano, ficou comprometido ao ponto de haver uma necessidade emergencial em ser reinventado, adaptado, levado às esferas da tecnologia vigente, que são as plataformas virtuais. Como pesquisadora desta linguagem confesso que fiquei muito apreensiva com o isolamento social a que fomos submetidos. Foi um tempo crítico o qual não via a possibilidade de conseguir realizar a pesquisa de campo. Estava totalmente sem contato com meu objeto de pesquisa, os estudantes do Ensino Médio da EJA. No entanto, como a arte é movimento e fluidez, não tardou para que os profissionais desta área aos poucos criassem estratégias para dar continuidade ao seu ofício. E com isso, as ideias foram surgindo e as experiências foram vivenciadas de modo remoto e síncrono. Segundo Silvia Monteiro, professora de teatro da Escola de Belas Artes da PUCPR (2020),

Esse é um momento de intensa experimentação. Nós nos adaptamos e mudamos o formato. Nesse momento, estamos achando novas oportunidades, explorando a linguagem remota e utilizando as lives como linguagem estética, e é interessante pois ainda não sabemos o resultado disso a longo prazo.

Embora não saibamos o resultado de toda esta inovação a longo prazo, percebi que diante da situação ocorreu um viés do processo de exclusão das massas do sistema educacional já que, nem todos os estudantes possuíam acesso à internet, ou ao canal específico para assistir aulas *online*.

No período estabelecido para iniciar a pesquisa de campo, já em conexão com a professora regente da turma que desenvolvi a pesquisa, tive acesso a lista de estudantes que totalizaram 52 nomes, com os registros de telefone, os quais busquei o contato com cada um da lista, para investigar as condições e possibilidades de participarem das aulas práticas *online* e síncronas. Muitos deles se justificaram com a impossibilidade de conexão via internet e uma parcela grande nem mesmo consegui o contato. Fui inserida na sala virtual da turma – *Classroom* – e criei um grupo no aplicativo *whatsapp* para facilitar nossa comunicação. Neste mesmo período, encaminhei o questionário elaborado destinado aos estudantes por meio do *google* formulário (Anexo 3), para coleta inicial de dados com vistas a um melhor conhecimento sobre os mesmos, com relação à atividade profissional, abandono escolar, experiências teatrais, dentre outras. Dos 52 estudantes que compunham a turma, 23 estudantes responderam o questionário, cabendo destacar que, 70% deles exercem atividade remunerada com renda de até um salário mínimo e no que se refere ao principal motivo que os levou a abandonar os estudos, a maioria respondeu que foi devido à necessidade de trabalhar e a gravidez precoce. A respeito das atividades teatrais, 61% assistiram espetáculos de teatro e 30% participaram de práticas cênicas na escola ou em espaços culturais. Os dados contribuíram para o conhecimento mais amplo do perfil dos possíveis participantes, bem como na organização das aulas ministradas.

No entanto, após a busca ativa dos estudantes, foi possível desenvolver a pesquisa com apenas seis estudantes, todas do sexo feminino. No decorrer da pesquisa, a professora regente Nilza Regina Melo foi substituída pelo professor Jackson César Lima com formação em Educação Artística com Habilitação em Música pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP.

2.4 Descrição reflexiva do processo teatral: A história de vida em cena

Nesta fase, me propus à descrição reflexiva do processo cênico realizado com os estudantes/participantes desta pesquisa, quando recorri a depoimentos e registros fotográficos, os quais foram substituídos por captura de tela, devido às aulas remotas síncronas, para reforçar e melhor ilustrar as considerações elaboradas.

Na análise dos dados coletados, etapa esta que teve como objetivo o aprofundamento da reflexão sobre o objeto de estudo, e ocorreu a partir de registros provenientes dos estudantes, especialmente das improvisações, dos depoimentos e dos questionários que apontam elementos com características comuns ou que se relacionam entre si.

A ideia inicial desta pesquisa de campo foi voltada à aplicação das técnicas teatrais de Augusto Boal e Viola Spolin com os estudantes da EJA de modo presencial. No entanto, a pandemia de Covid19 continuou no primeiro semestre do ano de 2021, período em que estava previsto o início da pesquisa de campo e não foi possível retornar às aulas presenciais naquele momento. Logo, o planejamento das aulas teve que ser adaptado para o ambiente remoto e síncrono.

Minhas ações para que a pesquisa pudesse acontecer neste ambiente remoto foram iniciadas com antecedência. Primeiramente entrei em contato com a professora regente Nilza Regina através do aplicativo *whatsapp* e posteriormente videoconferência para apresentar minha pesquisa, ocasião em que agendamos a aula de observação. O questionário foi enviado a ela antes deste encontro. Na data combinada, ela me disponibilizou o *link* de acesso ao *meet*, momento em que fiz a primeira observação. Porém, neste dia não houve a participação dos estudantes. Durante o tempo que permanecemos na sala em ambiente remoto solicitei à professora que me disponibilizasse a lista (conforme já mencionado no corpo desta pesquisa), com os nomes dos estudantes para que eu pudesse entrar em contato diretamente com eles. De posse da lista, iniciei uma tarefa de busca ativa aos estudantes, ligando para cada um com o objetivo de expor sobre a pesquisa em andamento. Na lista inicial havia 52 estudantes dos quais 9 deles foram remanejados e 6 excluídos por erro, restando 37 que deveriam frequentar as aulas remotas. No entanto, deste total, consegui contato via celular com 9 estudantes que sinalizaram positivamente sobre frequentar as aulas. Para facilitar a comunicação

entre nós, criei um grupo no *whatssap* e inseri todos os matriculados da lista. Não tardou e alguns dos estudantes se manifestaram alegando questões como: falta de acesso à internet, desistência da disciplina e horário de trabalho incompatível com o da aula.

No decorrer da pesquisa a professora Nilza Regina Melo se afastou da escola e o professor Jackson César Lima a substituiu. Refiz o mesmo caminho com o atual professor da turma, agendamos uma videoconferência para eu apresentar a pesquisa e também agendar uma nova aula de observação. Como havia realizado a busca ativa dos estudantes anteriormente, no dia da aula de observação apareceram 3 estudantes que se comprometeram a participar da aula remota com o professor Jackson e também da minha pesquisa de campo. Quando o professor pediu para que eu me apresentasse, fiz uma breve explanação e solicitei para que abrissem as câmeras, no entanto, apenas uma estudante teve a possibilidade de abri-la, as demais alegaram que a câmera estava com problemas. Em seguida, o professor Jackson iniciou sua aula abordando um conteúdo de Artes Visuais – Leitura de Imagem. A aula transcorreu tranquilamente e percebi que o professor a todo instante fazia perguntas diretas às estudantes, incentivando-as a interagirem na aula. Destaco que as aulas aconteceram nas quartas-feiras, com início às 17h50min. até às 20h20min., totalizando carga horária de 3 horas aulas semanais para o Ensino Médio.

Para o segundo encontro e a primeira aula ministrada por mim, a professora Nilza Regina havia retornado à regência da turma. Preparei uma aula introdutória, abordando os autores teatrais referenciados nesta pesquisa: Augusto Boal e Viola Spolin, apresentando os seus métodos. Nesta aula contamos com a presença de 6 estudantes, sendo todas mulheres.

Figura 02 – Aula introdutória 01

Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 03 – Aula introdutória 02

Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021

Figura 04 – Aula introdutória 03



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Logo após a aula expositiva fomos à prática, momento em que fizemos um jogo teatral com base no sistema de Viola Spolin: O QUÊ? ONDE? QUEM? Com relação aos termos utilizados por de Spolin, Koudela esclarece:

Os termos Onde, Quem e O Que são usados no sistema em substituição aos termos teatrais "cenário", "personagem" e "ação de cena". Para o estabelecimento do Foco do jogo existe sempre o Foco primário (por exemplo, Onde) e o Foco secundário (por exemplo, Quem e O Que) O Foco primário recai sobre qualquer dos três elementos e existem numerosas possibilidades de combinações entre eles. (KOUDELA, 2013, p. 55)

Para desenvolver os jogos teatrais com base no sistema de Spolin no ambiente virtual e síncrono foi necessário exemplificar os termos de cada elemento (O QUÊ? ONDE? QUEM?), relacionando-os com o dia a dia das estudantes. Após a explicação da proposta de improvisação com base no tema “gravidez e trabalho”, a turma foi dividida em duplas para participarem do jogo teatral denominado “só perguntas”, que propõe justamente evidenciar: ONDE? O QUÊ? QUEM? No momento da realização do jogo, foi solicitado que as demais participantes desligassem seus áudios e suas câmeras para que visualizassem melhor o jogo entre a dupla, por meio da tela mosaico que ali representava o “palco”. O jogo teatral

transcorreu de forma espontânea devido ao fato das estudantes terem experiências em relação aos temas trabalhados. Ao final da prática sugeri para as participantes que abrissem as câmeras e comentassem como havia sido a experiência com o jogo teatral. Neste momento da aula fizemos uma reflexão sobre as questões políticas e sociais que dificultaram o retorno destas estudantes à escola. Dentre os argumentos apresentados, as participantes destacaram a trajetória escolar, familiar e social marcadas por desigualdades econômicas e étnico-raciais que historicamente tem marginalizado a população, afetando diretamente as participantes desta pesquisa que devido aos seus históricos de vida necessitaram abandonar os estudos.

Figura 05 - Jogo Teatral Só perguntas 01



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 06 – Jogo Teatral Só perguntas 02



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 07 – Jogo Teatral Só perguntas 03



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Das 6 participantes, apenas uma delas relatou que já havia tido uma experiência com teatro na escola e comentou que gostou muito de ter a oportunidade de fazer teatro novamente. Para as demais participantes esta foi a primeira experiência com o teatro e relataram que no início das atividades ficaram inseguras, mas em função da dinâmica das propostas experienciadas, foram se soltando, com maior participação.

No terceiro encontro, sendo a segunda aula ministrada por mim, lembrando que cada encontro era no total de 3 horas aulas de 50 minutos cada, trabalhei com o Teatro Imagem de Augusto Boal. Destaco que procurei manter uma dinâmica nas aulas práticas para que as estudantes se sentissem confortáveis para participar remotamente. Logo, as aulas foram precedidas por aquecimento, alongamento, os quais foram dirigidos e realizados por mim, para incentivar a participação das estudantes. Na sequência, coordenei um jogo teatral para trabalharmos com o Teatro Imagem. Como as práticas foram adaptadas para o ambiente remoto, foi solicitado que durante todo o processo as participantes mantivessem suas câmeras abertas, salvo quando houvesse a necessidade de fechá-las para que algumas cenas fossem realizadas por pequenos grupos, e neste caso, a câmera aberta ocupou o lugar de “palco”.

Figura 08 – Primeira parte da aula – aquecimento corporal (estudantes)



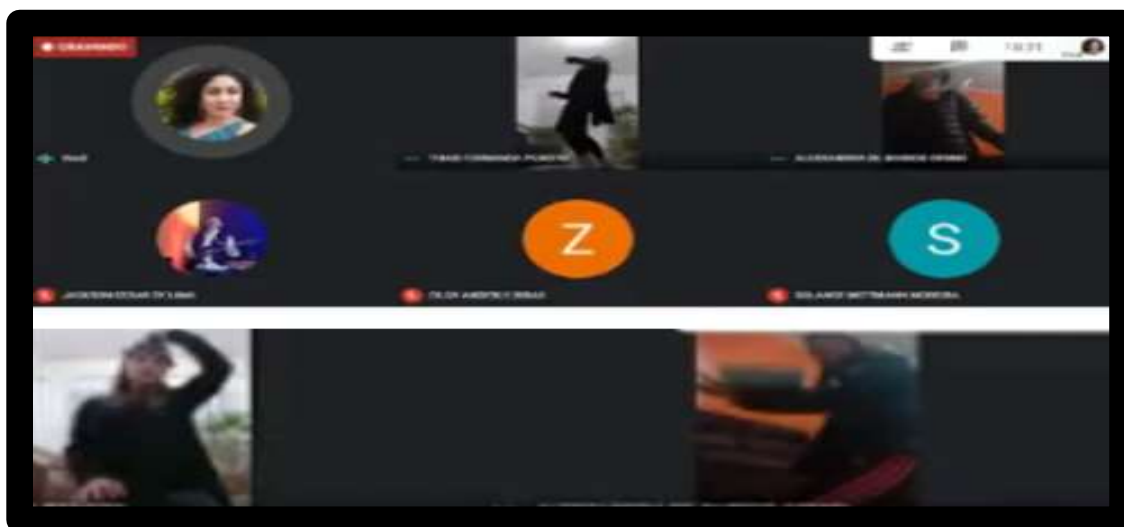
Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Para trabalhar com o Teatro Imagem no ambiente remoto, de uma forma

adaptada, foi possível compartilhar a tela a ser exibida em formato mosaico. Em seguida, o grupo foi orientado a se subdividir entre dois a três grupos e cada qual montou uma imagem com os próprios corpos, sendo que apenas aqueles que se apresentaram permaneceram com a câmara aberta. Para exemplificar, foram dadas orientações de acordo com o tema pré-estabelecido, tema este vinculado à opressão no trabalho. Cada um dos estudantes expressou com um gesto o tema e foi seguido de outros gestos elaborados pelos demais integrantes do grupo na formação de uma imagem marcada pela opressão. A captura de tela foi realizada para registro da cena formada em mosaico. O grupo que permaneceu com a câmera desligada, na sequência a abriram e refizeram a cena que assistiram, porém, neste momento a nova cena não caracterizou opressão e sim algo que se assemelhava a um “sonho”. E por fim o primeiro grupo retornou com as câmeras ligadas e remontou as cenas anteriores, porém, de modo que as mesmas se tornassem visualmente idealizadas¹⁵. Conforme os grupos foram montando suas cenas, fui capturando as telas e salvando no *Word*. Para finalizar a proposta compartilhei as capturas de telas das cenas e realizamos a análise destas imagens. Neste momento, um espaço foi aberto para que as estudantes pudessem dar seu parecer. O interessante desta proposta foi que as estudantes que participaram da aula do professor Jackson, quando fiz a aula de observação, lembraram que naquele momento foi trabalhado com Artes visuais: Leitura de imagens, o que para elas facilitou na interpretação das análises das capturas de telas das práticas desenvolvidas com o Teatro Imagem, contribuindo nas discussões que giraram em torno dos resultados obtidos com as cenas construídas. Ainda com relação a esta construção cênica refletimos sobre as questões que motivaram as estudantes a retornarem aos bancos escolares. As seguintes motivações foram destacadas: “melhor colocação no mercado de trabalho”; “ter faculdade voltada a área que escolhi, gastronomia”; “trabalho”; “falta de trabalho”; “proposta de emprego melhor”; “buscar conhecimento”. As motivações elencadas pelas estudantes tiveram como propósito inseri-las no mercado de trabalho, bem como amenizar a lacuna educacional na vida de cada uma delas.

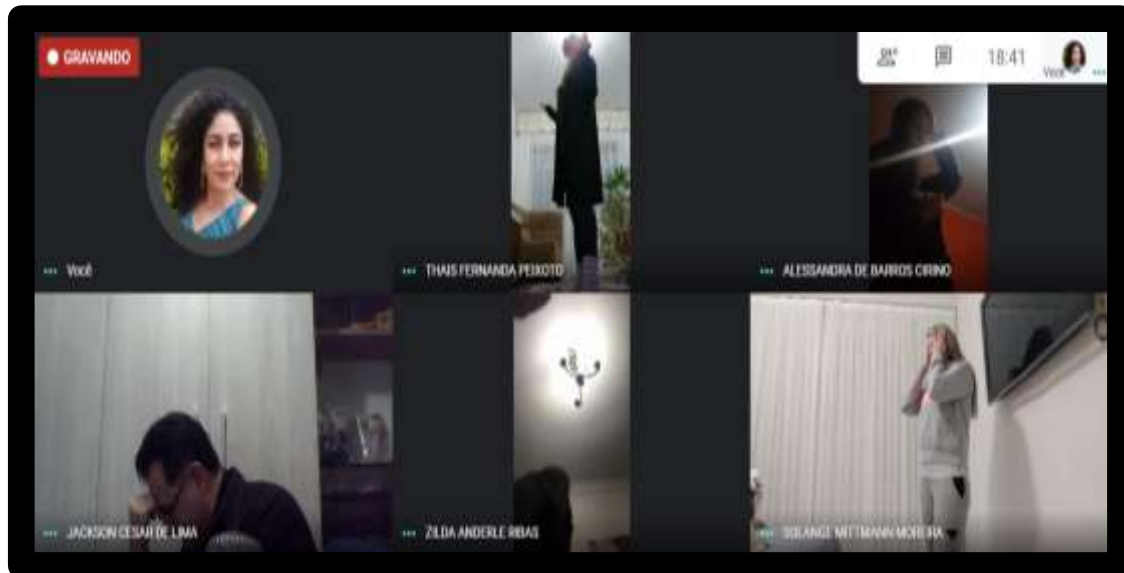
¹⁵ Trata-se de uma das técnicas do teatro imagem de Augusto Boal, a qual o participante-estátua é orientado a criar uma imagem ideal com o corpo de acordo com o tema trabalhado permitindo analisar a viabilidade ou não desta imagem construída.

Figura 09 – Prática com teatro imagem 01



Fonte: Captura de telas, autoria própria, 2021.

Figura 10 - Prática com teatro imagem 02



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 11 - Prática com teatro imagem 03



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 12- Prática com teatro imagem 04



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 13- Prática com teatro imagem 05



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Em momento seguinte, solicitei previamente que as estudantes relatassem o motivo que as levaram ao abandono escolar (situação de opressão), e me encaminhassem pelo *whatsapp*. Ao receber os depoimentos, os reenviei para as demais estudantes, ou seja, cada participante recebeu um relato da colega, cabe destacar que os relatos foram sem os respectivos nomes. Com esta proposta procurei incentivar as participantes a serem agentes criadoras do seu próprio drama. “Por que temos que representar uma obra já escrita, quando a vida nos oferece situações que merecem ser vividas em um palco?” (MORENO, 1997, p. 9). Logo, além de propor o exercício da escrita “o jogo teatral faz nascer um ‘texto’ por meio do desenvolvimento de uma linguagem teatral consciente, objetiva e comunicável, no instante da representação” (CHACRA, 1991, p. 66).

No dia da aula, em ambiente remoto e síncrono foi realizado o aquecimento, importantíssimo para desenvolver a sequência do encontro confortavelmente. A adaptação do Teatro Fórum ocorreu da seguinte maneira: solicitei que uma estudante permanecesse com a câmera e o microfone ligados para que fosse visualizada por todos. Na sequência solicitei que interpretasse o relato que recebeu previamente. Sugeri que outra estudante assumisse o espaço da cena opinando e atuando no lugar do oprimido, buscando alternativas para a resolução do problema.

Ou seja, perguntei para a estudante se ela estivesse nesta situação (de oprimido), como ela resolveria a situação? Todas as estudantes apresentaram os relatos recebidos e participaram da proposta. Cabe destacar que nos relatos levados à cena, cada participante narrou sobre sua trajetória de vida, especificamente o período em que aconteceu a evasão escolar. As estudantes desenvolveram a construção cênica de maneira assíncrona, cabendo realizar as apresentações de maneira síncrona. Como avaliação, solicitei que comentassem como foi a sensação de se verem representadas na cena. Muitas identificaram imediatamente seu relato e coincidentemente os motivos que as levaram ao abandono escolar foram os mesmos: gravidez precoce, no entanto, embora o motivo fosse o mesmo, cada relato possuía suas próprias características.

Figura 14 – Prática com teatro fórum 01



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 15- Prática com teatro fórum 02



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 16 - Prática com teatro fórum 03



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 17- Prática com teatro fórum 04



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

As participantes buscaram transpor para as cenas suas experiências de vida, mesmo representando a história de outra pessoa, que no caso desta turma específica coincidiu se tratar de gravidez precoce, sendo este um fator que as afastaram dos bancos escolares na fase da adolescência.

Figura 18- Prática com teatro fórum 05¹⁶



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

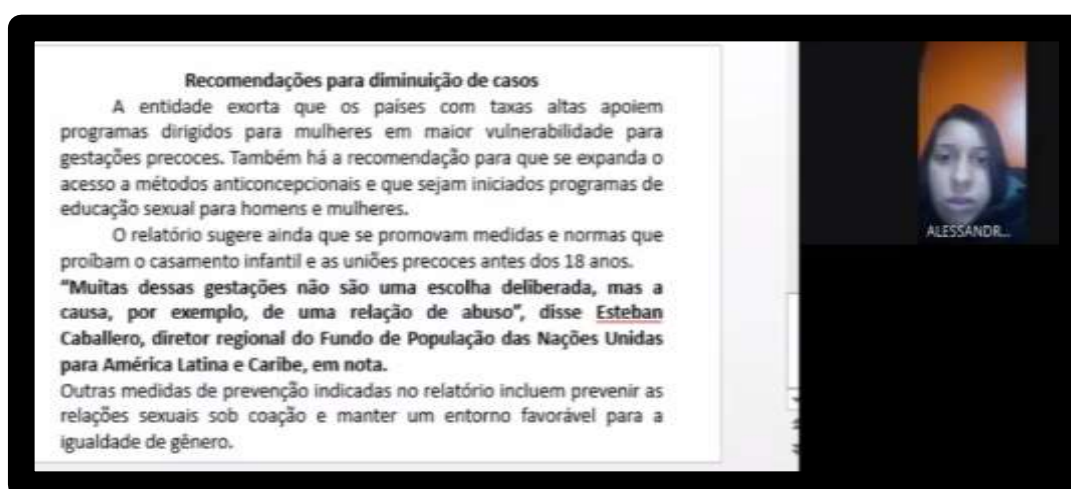
A adaptação do Teatro Jornal para ambiente remoto ocorreu da seguinte maneira: selecionei previamente algumas reportagens que abordassem o tema gravidez precoce e montei uma apresentação de *slides*, com duas reportagens. Durante a aula optei pela leitura simples dos textos, ação paralela¹⁷ e a improvisação. Após a leitura simples dos textos, solicitei que abrissem as câmeras para realizarem a ação paralela e posteriormente a improvisação. Quando finalizamos a atividade, fizemos a avaliação, momento em que as estudantes narraram como foi a experiência com a proposta. Houve relatos que para esta atividade, algumas das participantes tiveram dificuldades na ação paralela e na improvisação, porém, todas as estudantes participaram. Neste momento abri espaço para uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas durante os períodos de retorno e permanência escolar e também sobre quais eram as pretensões futuras ao continuar os estudos. As estudantes elencaram que pretendem “fazer um curso técnico”; “fazer faculdade”; “se tornar um chefe ou nutricionista”; “entrar na faculdade”; “fazer faculdade de pedagogia”; “quero um ótimo futuro para meu filho”. Diante destes relatos foi possível constatar o quanto o retorno à escola contribui e continua contribuindo para que cada estudante busque caminhos na construção do conhecimento e através desta construção efetive sua permanência escolar, mesmo diante dos percalços encontrados no decorrer dos estudos. É pertinente ressaltar

¹⁶ Interação do professor regente Jackson em uma das cenas apresentadas.

¹⁷ Técnica do teatro jornal de Augusto Boal que consiste paralelamente à leitura da notícia, os atores mimam ações físicas, mostrando em que contexto o fato descrito ocorreu verdadeiramente; ouve-se a notícia e, ao mesmo tempo, vêem-se imagens que a complementam.

que dentre os 23 estudantes que responderam ao questionário também fizeram parte dos motivos de abandono escolar, além da gravidez precoce, a necessidade de interromper os estudos devido ao trabalho. Infelizmente, ainda hoje, principalmente num contexto pós pandêmico, as questões geradoras de abandono elencadas nesta pesquisa influenciam diretamente na vida escolar do estudante da EJA.

Figura 19 – Prática com teatro jornal (leitura da reportagem realizada pela estudante)



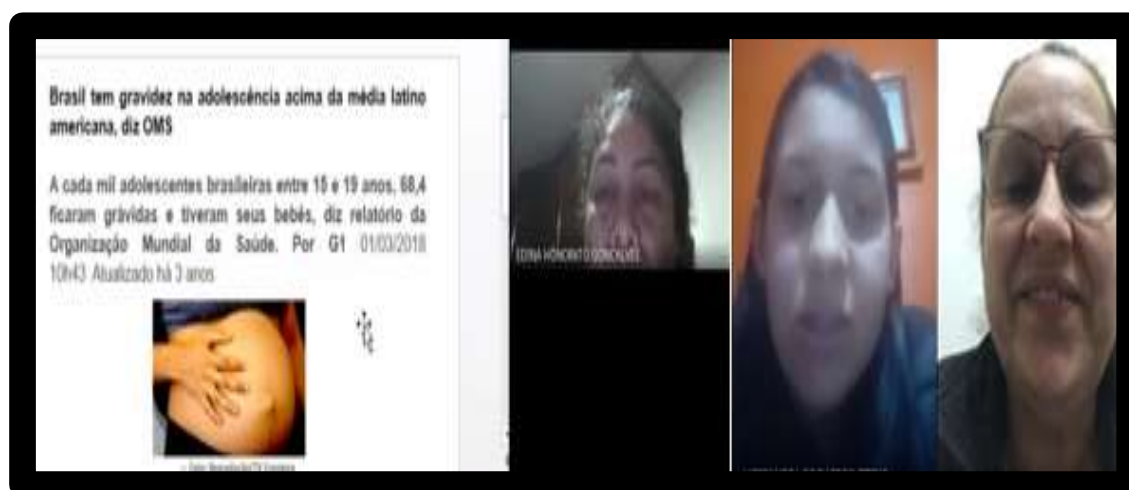
Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 20 – Prática com teatro jornal (leitura da reportagem realizada pela professora)



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 21 – Prática com teatro jornal ação paralela



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 22 – Prática com teatro jornal improvisação



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Em função do cronograma limitado, assim que apresentei as propostas referentes a esta pesquisa de campo, encerramos nossos encontros. Mas deixei acertado com o professor Jackson e estudantes que para finalizar de fato as atividades desenvolvidas, propus uma apresentação do Teatro Fórum. Agendamos a

apresentação para o mesmo horário das aulas. Escrevi um texto para o desenvolvimento do Teatro Fórum cuidadosamente voltado ao principal motivo de abandono escolar das estudantes: gravidez precoce. O texto foi ensaiado e apresentado por estudantes voluntários do Ensino Médio, de uma das minhas turmas do ensino regular, do Colégio Estadual Natália Reginato, que gentilmente se dispuseram a contribuir com a pesquisa, uma vez que não seria possível realizar os ensaios com a própria turma, objeto de minha pesquisa, mas a turma participou como “espect-atores”.

No dia da apresentação, compartilhei o *link* no mural do *classroom*, no *whatsapp* e solicitei que o professor Jackson convidasse os professores do CEEBJA que estivessem em Hora Atividade para participar, no entanto, participaram apenas o professor Jackson, regente da turma e o professor Ednei Lisboa que estava em hora atividade e mais duas convidadas, a Fernanda e a Jaquelina, ambas minhas alunas do 1º ano do Ensino Técnico em Administração do Colégio Natália Reginato, além do elenco e as participantes envolvidas com a pesquisa. Após todos entrarem na sala virtual, iniciei a apresentação. Naquele momento explanei sobre a proposta adaptada para o ambiente remoto e que seria realizada uma “Leitura Fórum”, nome carinhosamente batizado pelo professor Eduardo Augusto Vieira Walger, orientador do meu Estágio de Docência¹⁸ do PPGARTES, que ricamente contribuiu com meus estudos sobre o Teatro do Oprimido, na disciplina optativa “Estudo em Artes Cênicas I” ministrada por ele, no Curso de Licenciatura em Teatro da Unespar.

Nesta Leitura Fórum, fiz a narração do texto e também interpretei um dos personagens da história. O texto conta a história de uma adolescente do Ensino Médio que se desespera ao constatar sua gravidez e fica receosa de contar para seu namorado, amiga e seus pais. Porém, num ato de coragem ela primeiro conta para sua melhor amiga, que se choca com a notícia, mas a incentiva a revelar a notícia para o namorado. A amiga a orienta a ligar e marcar um encontro com o namorado para contar sobre a gravidez. Já no encontro com o namorado, a personagem revela seu estado, e o namorado imediatamente a ofende, rompe o namoro e se afasta indignado. Como se não fosse o bastante, ao chegar na residência, revela a situação aos pais, que dizem que não iriam aceitar a filha mãe solteira em casa.

¹⁸ Parte integrante da formação do pós-graduando, objetivando a preparação para a docência e a qualificação do ensino de graduação.

Finalizada esta etapa, foi aberto o Fórum, momento em que convidei a todos para abrirem suas câmeras e dei início à leitura de uma reportagem sobre o grande índice de registros de nascimentos apenas com o nome de suas mães. Logo após, instiguei os espect-atores a se colocarem no lugar da personagem oprimida, buscar em suas memórias, fatos que se assemelhassem ao assistido e lancei o seguinte questionamento: O que vocês fariam se estivessem no lugar da personagem oprimida? Instiguei à participação dos presentes. Um dos espect-atores, pediu a palavra e discorreu sobre o tema e antes que ele concluísse sua fala, pedi que ele gentilmente escolhesse um personagem e uma das cenas para atuar, dando novo desfecho para a cena. Quando ele estava preparado para atuar, solicitei que os demais fechassem suas câmeras para que a tela mosaico ocupasse o espaço de palco. Ele escolheu uma cena em que a amiga da oprimida pôde refazer seu papel dando mais apoio à vítima. Encerrada a participação deste espect-ator, abri novamente o fórum para discussão, perguntando se a cena que acabávamos de assistir era possível de acontecer ou era algo inviável?

Na sequência outro espect-ator pediu a palavra e fez um comentário da cena exibida, colocando seu ponto de vista. Então pedi que ele escolhesse uma cena e personagem para atuar. Ele escolheu uma cena em que o opressor era o namorado da oprimida, a qual ele não teve a oportunidade de atuar por problemas técnicos no áudio do computador. Continuei argumentando acerca das cenas expostas e instigando outras participações, porém, nenhum espect-ator se prontificou a atuar. Neste momento estava conduzindo para o final do Fórum, quando o espect-ator que atuou pediu a palavra e comentou que não conhecia esta técnica, que achou fantástica, ainda comentou que no modo presencial não é fácil ensaiar e apresentar uma cena teatral, destacou que ficou admirado de assistir no espaço virtual uma cena com esta temática forte e que possibilitou uma interessante discussão sobre o tema e parabenizou a equipe pela apresentação. O elenco abriu a câmera para agradecer a participação dos espect-atores e, em seguida, fiz a condução para o encerramento.

Figura 23 – Prática com teatro fórum: acolhida



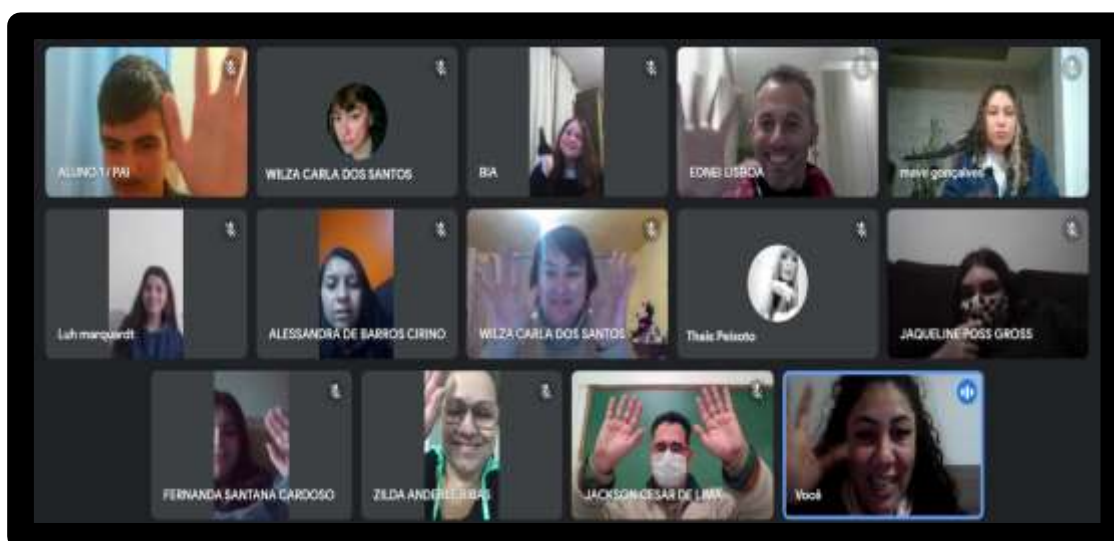
Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 24– Prática com teatro fórum: abertura do fórum



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Figura 25 – Prática com teatro fórum: encerramento da apresentação



Fonte: Captura de tela, autoria própria, 2021.

Diante das propostas teatrais desenvolvidas em consonância com um dos principais fatores “gravidez precoce” que circundaram o contexto das participantes desta pesquisa, constatou-se que a linguagem teatral era desconhecida pela maioria delas, tal fato se fez presente no questionário proposto à turma.

No questionário, uma das questões foi referente ao fato deles terem ou não assistido uma peça de teatro e no caso de “sim”, era preciso comentar como foi a experiência. Dentre as respostas, cabe destacar os seguintes comentários das participantes: “nunca assisti” (esta opção apareceu três vezes); “foi empolgante e cada peça um sentimento único e envolvente com o enredo”, “Romeu e Julieta e foi muito bom”; “gostei, achei bem interessante”. Neste cenário, exceto uma estudante que havia passado pela experiência teatral, as demais saíram da condição de espectadoras para experimentarem suas próprias histórias de vida transpostas para a cena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, esta pesquisa foi totalmente pensada de modo presencial, desde as orientações, a pesquisa bibliográfica nas bibliotecas das escolas em que trabalho, a biblioteca pública, os questionários com os professores de Arte do CEEBJA-CIC, com os estudantes e direção escolar. Mas no contexto pandêmico, tudo foi readaptado para o ambiente virtual, inclusive as aulas obrigatórias e eletivas do curso de Mestrado e o Estágio Docência. Cabe destacar que foi algo completamente inédito na história da Educação. Estávamos familiarizados com a EAD – Educação à Distância, que acontece de modo assíncrono, porém, este novo formato de estudos foi criteriosamente diferente da EAD. Nesta versão as aulas aconteceram de maneira síncrona, ou seja, em tempo real, neste processo, várias plataformas foram descobertas, reinventadas ou mesmo surgidas para atender esta nova demanda.

Na primeira parte do trabalho busquei traçar um panorama do ensino da Arte no âmbito da educação de Jovens e Adultos e salientar a importante contribuição que o teatro agrega ao contexto da EJA. Apresentei uma reflexão da linguagem teatral à luz dos autores Augusto Boal e Viola Spolin dialogando com a realidade da EJA. Assim como, discorro sobre a trajetória acerca da história da Educação de Jovens e Adultos e as múltiplas dificuldades que esta modalidade de ensino enfrentou e ainda enfrenta desde sua concepção. Foi de extrema relevância traçar um perfil do estudante que abandona os bancos escolares quando ainda estão na idade condizente à etapa de estudo. E com equivalência de importância foi necessário abordar as novas propostas para o Ensino Fundamental e Ensino Médio de acordo com a nova versão da BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

Em 2022 está ocorrendo à implantação do NEM - Novo Ensino Médio, nas escolas regulares e na EJA, tendo em vista a especificidade da Modalidade EJA, ofertando de forma escalonada o Módulo 1 no 1º semestre de 2022, o Módulo 2 no 2º semestre de 2022 e o Módulo 3 no 1º semestre de 2023. Hoje, a EJA no Estado do Paraná trabalha com 3 (três) matrizes curriculares, havendo a necessidade de adequação destas matrizes. Sendo assim, as adequações na matriz curricular que integram a Proposta Pedagógica Curricular no Projeto Político-Pedagógico ocorrerá gradualmente, pois o Novo Ensino Médio possui uma estrutura curricular composta por duas partes indissociáveis: a Formação Geral Básica - FGB e os Itinerários Formativos – IF. No entanto, destaca-se que o lugar da Arte de acordo com esta

nova versão da BNCC foi desprezado, com redução de carga-horária, inserindo-a como um componente pertencente à área de Linguagens.

Após a busca ativa dos estudantes matriculados na disciplina de Arte, que ocorreram nas quartas-feiras das 17h50 min. às 20h20min. totalizando 3 horas/aulas semanais, foi possível contar com a participação efetiva de 6 estudantes mulheres, as quais todas elas, segundo o prévio questionário, constatei que os motivos que as levaram a se afastarem dos estudos foi a gravidez precoce. Logo, meu planejamento foi voltado a esta temática, para que a participação das estudantes fosse significativa. O intuito foi que as participantes se vissem retratadas na cena, através das técnicas: Jogos teatrais, Teatro Imagem, Teatro Jornal e Teatro Fórum, utilizadas durante o desenvolvimento da pesquisa de campo, alinhando essas práticas aos motivos geradores de abandono escolar, retorno e permanência. Apesar de ser algo muito novo, este formato de aula remota e síncrona, sem mencionar a falta de acesso dos estudantes matriculados, as mesmas se dedicaram, participaram de todas as aulas ministradas por mim, tiveram uma desenvoltura e experiência teatral que proporcionaram que elas contribuíssem durante e na avaliação de cada aula. Foi possível perceber uma evolução na interpretação das propostas, senso crítico e motivação para retornar nas próximas aulas que se sucederam. As estudantes agora numa fase da vida a qual atingiram a maturidade e a estabilidade familiar se mostraram seguras no propósito de concluir o Ensino Médio e demonstraram motivação para dar continuidade aos estudos, partindo para um curso de graduação.

Portanto, nesta pesquisa foi possível identificar as questões que implicaram e ainda implicam no abandono, retorno e permanência dos estudantes da EJA, de uma maneira geral, a partir de dados bibliográficos. Tais questões foram indentificadas também a partir de um público específico, através do questionário postado no *classroom*, pelo *google forms*, que contou com 23 estudantes respondentes, regularmente matriculados, conforme anexo 3. As experiências práticas teatrais contou com a participação de 06 (seis) estudantes, momento em que elas experimentaram processos cênicos, utilizando as técnicas propostas, associadas a seus históricos de vida. Apesar das participações terem sido reduzidas, foi possível investigar o perfil dos estudantes desta turma, que buscam completar sua formação na EJA no Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos - (CEEBJA), que almejam dar continuidade aos estudos para além do

Ensino Médio.

Acredito que no processo de ensino e aprendizagem das estudantes da EJA, que permaneceram atuantes durante a pesquisa, fui capaz de contribuir na formação de cada uma através da experiência que tiveram com a linguagem teatral, pois foram proporcionadas atividades teatrais que estimularam a reflexão das participantes sobre sua trajetória de abandono, retorno e permanência escolar, que visivelmente contribuíram no processo de conhecimento das estudantes da EJA sobre as técnicas teatrais específicas que foram apresentadas a elas, representando em cena suas próprias histórias de vida. Não posso encerrar estas considerações finais sem mencionar que para mim, todo o processo foi uma aprendizagem intensa, inovadora, que mostrou que a educação se reinventa a cada obstáculo que enfrenta, reforçando a potência transformadora que é possível somente alcançar através da Educação e da Arte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana; CORSO, Angela Maria. **A Educação de Jovens e adultos: Aspectos Historicos e Sociais**. Guarapuava: UNICENTRO, 2015.

ALMEIDA, Maria Elisabhet B. de; SILVA, Maria da Graça Moreira. Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista e-Curriculum**, v. 7, n. 1, p. 1-19, abr. 2011.

ANDRÉ, Carminda André. **Teatro pós-dramático na escola: inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino do teatro em sala de aula**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: GIOVANETTI, N. L. GOMES (Orgs.) Diálogos na educação de jovens adultos. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

_____. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. In: **Revista de Educação de Jovens e Adultos** – RAAAB, São Paulo, n 11, abr 2001.

BOAL, Augusto. **Jogos para Atores e não Atores**. 15ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilizações Brasileira, 2012.

_____. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 9ª ed. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1 ed., 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Versão Final. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 06 jan. 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASÍLIA. Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunas e alunos da EJA. In: **EJA, Caderno 1**. Brasília: SECAD/ MEC, 2006.

CADERNO PEDAGOGICO. Nº 3. São Paulo: Editoras Ática, Scipione e Saraiva, 2020.

CANDA, Cilene Nascimento. Paulo Freire e Augusto Boal: diálogos entre educação e teatro. **Revista HOLLOS**, v. 4, p. 195-205, 2012 – ISSN. 1807-1600.

COMO o Teatro tem se reinventado em meio ao isolamento social. Escola de Belas

Artes, PUCPR. Curitiba, 18 set, 2020. Disponível em: <https://www.pucpr.br/escolas/escola-de-belas-artes/como-o-teatro-tem-se-reinventado-em-meio-ao-isolamento-social/> Acesso em: 16/02/22.

CUNHA, Daiane Solange Stoeberl da; LIMA, Sonia R. Albano de. O ensino de arte para a educação básica à luz dos ordenamentos vigentes: paradoxos em análise. **Revista TULHA**. Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, pp. 78-109, jan.–jun. 2020.

CHACRA, Sandra. **Natureza e Sentido da Improvisação Teatral**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro: Provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2017.

FERRARI, Shirley Costa. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente?** 2011. Disponível em: http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_ShirleyCostaFerra.pdf. Acesso em 08.12.2020.

EMBREE, Lester. **Análise reflexiva: Uma primeira introdução na investigação fenomenológica**. Zeta Books, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FUCHS, Ana Carolina Muller, *et al.* Reflexões sobre ensino aprendizagem em teatro na educação de jovens e adultos (EJA). **Cadernos de Aplicação**. Porto Alegre: v. 21, n.2, jul./dez. 2008.

FRIEDRICH, Márcia; *et al.* Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro, v. 18, n.67, p. 389-410, abr./jun. 2010.

GADOTTI, Moacir. ROMÃO, José E. (org). **Educação de Jovens e Adultos, teoria, prática e proposta**. 2ª ed. Rev. São Paulo: Cortez: Inst. Paulo Freire, 2006.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.14, pp.108-130, 2000.

HADDAD, Sérgio. **Educação de jovens e adultos no Brasil: 1986-1998**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2002.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro**. São Paulo: Papyrus, 2001.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MARTINS, Guaraci da Silva Lopes. **Teatro na escola**: contribuições do estudo e da representação da tragédia grega na formação de alunos do ensino médio. Curitiba: UTP, 2012.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Trad. Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. O que é a Covid-19? Gov.br Governo Federal. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> Acesso em: 10.11.2021.

MORENO, Jacob Levy. **El Teatro da la Espontaneidad**. Buenos Aires, editorial Vancu, 1997.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 6. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2002.

_____. *A ciência com consciência*. 6. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2002a.

NISKIER, Arnaldo. **LDB**: a nova lei da educação: tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins e NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-35, 2002.

OLIVEIRA, Martha Kohl. Adultos como sujeitos de aprendizagem. In: **Processos cognitivos em Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 1999.

OLIVEIRA, Marcia Cristina de; PAULA, Cláudia Regina de. **Educação de Jovens e adultos**: a educação ao longo da vida. Curitiba: Ibepe, 2011.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1973.

PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba, 2006. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_eja.pdf Acesso em: 06.10. 2020.

PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. Diretoria de Planejamento e Gestão Escolar - SEED/DPGE. **Instrução Normativa nº 03/2021**, de 28 de out. de 2021. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-11/instrucaonormativa_032021_dpge_matriculas.pdf. Acesso em 10/06/22.

PERES, José Roberto Pereira. Questões atuais do ensino de arte no Brasil: o lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular. **Revista Educação, Departamento de**

Desenho e Artes Visuais. Rio de Janeiro, vol. 1, N. 1, 2017.

RAMALHO, Roberto. **A Evasão Escolar e o Analfabetismo:** Breves Considerações. 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29319/1/A-Evasao-Escolar-e-oAnalfabetismo-Breves-Consideracoes/pagina1.html>. Acesso em: 09.12.2020.

ROSSETO, Robson. **Interfaces entre cena teatral e pedagogia:** a percepção sensorial na formação do espectador artista-professor. 1º ed. Jundiaí, SP: Paço Editorial, 2018.

_____. **Jogos e improvisação teatral:** perspectivas metodológicas. Guarapuava: Unicentro, 2013.

SALES, Sheila Cristina Furtado. **Educação de Jovens e Adultos no Interior da Bahia.** 2008. Tese de Doutorado em Educação – Programa de Pós- Graduação em Educação, UFSCar/SP.

SOARES, Carmela. **Pedagogia do jogo teatral:** uma poética do efêmero: o ensino do teatro na escola pública. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2010.

_____. Teatro e educação na escola pública: uma situação de jogo. In: TAVARES. Renan (org.). **Entre coxias e recreios:** recortes da produção carioca sobre o ensino do teatro. Rio de Janeiro: Yendis, 2006, p. 97-112.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais – O fichário de Viola Spolin.** Trad. Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **Improvisação para o teatro.** 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ANEXO 1**QUESTIONÁRIO COM PROFESSORES DE ARTE DO CEEBJA – CIC****Professor 01**

1)Qual seu nome completo? Qual sua formação acadêmica? E quando começou a trabalhar na Rede Estadual de Ensino?

R: Jackson Cesar de Lima. Educação Artística com habilitação em Música. Em 1996.

2)Qual foi a motivação para a escolha da docência? (influência familiar, retorno financeiro, realização pessoal, etc.).

R: Sempre gostei de ensinar, é uma realização pessoal.

3)Por que escolheu a área de arte?

R: Sempre gostei de música e vi a possibilidade de trabalhar nessa área.

4)Tem preferência por alguma série ou faixa etária?

R: Ensino Fundamental II.

5)Você exerce alguma atividade artística? Qual?

R: Sim, sou músico e ator.

6)Quando e como a você começou a trabalhar no CEEBJA – CIC?

R: Foi em 2015.

7)Ao ministrar suas aulas de arte, você contempla todas as áreas, ou você trabalha apenas com sua área de formação?

R: Procuo relacionar todas.

8)No caso de trabalhar com todas as áreas, de que maneira você aborda a linguagem teatral nas suas aulas?

R: Relacionando a teoria e a prática.

9)O CEEBJA – CIC costuma promover apresentações de grupos teatrais?

R: Raramente.

10)Você já levou seus alunos ao teatro?

R: Sim.

11)A arte está no currículo, mas diante da exigência nas avaliações e cobranças burocráticas, como conciliar os processos artísticos, o potencial criativo dos alunos, a liberdade de criação, com este currículo, em relação ao tempo da aula e a quantidade de aula?

R: Realmente, com a redução do número de aulas da disciplina Arte, ficou mais

difícil de fazer uma abordagem mais aprofundada do conhecimento artístico.

12)No decorrer das suas aulas você vincula teoria à prática quando trabalha com uma linguagem diferente da sua de formação?

R: Sim.

13)Por se tratar do Ensino Médio e ser um público diferenciado, qual a relação que você tem com seus alunos?

R: No Ensino Médio podemos trabalhar com mais ênfase a importância da Arte na sociedade e sua função social.

Professor 02

1)Qual seu nome completo? Qual sua formação acadêmica? E quando começou a trabalhar na Rede Estadual de Ensino?

R: Nilza Regina Mello. Formação – Artes Visuais/ 1993 (início).

2)Qual foi a motivação para a escolha da docência? (influência familiar, retorno financeiro, realização pessoal, etc.).

R: Retorno financeiro.

3)Por que escolheu a área de arte?

R: Adoro arte.

4)Tem preferência por alguma série ou faixa etária?

R: Não.

5)Você exerce alguma atividade artística? Qual?

R: Não.

6)Quando e como a você começou a trabalhar no CEEBJA – CIC?

R: 2015.

7)Ao ministrar suas aulas de arte, você contempla todas as áreas, ou você trabalha apenas com sua área de formação?

R: Sim, todas as ÁREAS.

8)No caso de trabalhar com todas as áreas, de que maneira você aborda a linguagem teatral nas suas aulas?

R: Abordando teóricamente.

9)O CEEBJA – CIC costuma promover apresentações de grupos teatrais?

R: Não.

10)Você já levou seus alunos ao teatro?

R: Sim, ao teatro Guáira.

11)A arte está no currículo, mas diante da exigência nas avaliações e cobranças burocráticas, como conciliar os processos artísticos, o potencial criativo dos alunos, a liberdade de criação, com este currículo, em relação ao tempo da aula e a quantidade de aula?

R: Com a redução das aulas de Arte fica cada vez mais difícil despertar o potencial criativo dos alunos, considerando também a falta de estímulo dos professores, tendo em vista a desvalorização da disciplina nas políticas públicas.

12)No decorrer das suas aulas você vincula teoria à prática quando trabalha com uma linguagem diferente da sua de formação?

R: Na EJA o aluno dependendo da faixa etária, se sente envergonhado dificultando o desenvolvimento de algumas modalidades artísticas, como o teatro, por exemplo.

13)Por se tratar do Ensino Médio e ser um público diferenciado, qual a relação que você tem com seus alunos?

R: (sem resposta)

Professor 03

1)Qual seu nome completo? Qual sua formação acadêmica? E quando começou a trabalhar na Rede Estadual de Ensino?

R: Márcia Aparecida Pereira.

2)Qual foi a motivação para a escolha da docência? (influência familiar, retorno financeiro, realização pessoal, etc.).

R: Sempre fui estimulada pela família o gosto pela Arte. Desde de criança.

3)Por que escolheu a área de arte?

R: Sempre gostei de Arte e praticava com dança e música.

4)Tem preferência por alguma série ou faixa etária?

R: O Ensino Médio.

5)Você exerce alguma atividade artística? Qual?

R: Dança e Música (Toco piano e Flauta).

6)Quando e como a você começou a trabalhar no CEEBJA – CIC?

R: Em 1996 à convite de um professor para fundar a escola.

7)Ao ministrar suas aulas de arte, você contempla todas as áreas, ou você trabalha apenas com sua área de formação?

R: Contemplo as áreas.

8)No caso de trabalhar com todas as áreas, de que maneira você aborda a

linguagem teatral nas suas aulas?

R: Jogos Teatrais.

9)O CEEBJA – CIC costuma promover apresentações de grupos teatrais?

R: Não, isso nunca ocorreu.

10)Você já levou seus alunos ao teatro?

R: Sim.

11)A arte está no currículo, mas diante da exigência nas avaliações e cobranças burocráticas, como conciliar os processos artísticos, o potencial criativo dos alunos, a liberdade de criação, com este currículo, em relação ao tempo da aula e a quantidade de aula?

R: Na realidade faz uma adaptação do currículo.

12)No decorrer das suas aulas você vincula teoria à prática quando trabalha com uma linguagem diferente da sua de formação?

R: Sempre trabalho teoria e prática.

13)Por se tratar do Ensino Médio e ser um público diferenciado, qual a relação que você tem com seus alunos?

R: Tenho um vínculo bom com eles, tento chegar ao máximo aos alunos para poder interagir com a disciplina.

Professor 04

1)Qual seu nome completo? Qual sua formação acadêmica? E quando começou a trabalhar na Rede Estadual de Ensino?

R: Juvenal Carvalho – Licenciatura em Desenho - 2004

2)Qual foi a motivação para a escolha da docência? (influência familiar, retorno financeiro, realização pessoal, etc.).

R: Realização pessoal.

3)Por que escolheu a área de arte?

R: Afinidade com qualquer manifestação artística

4)Tem preferência por alguma série ou faixa etária?

R: Não

5)Você exerce alguma atividade artística? Qual?

R: Nenhuma mais, apenas a docência.

6)Quando e como a você começou a trabalhar no CEEBJA – CIC?

R: Em 20015, meu padrão pertence a essa escola.

7)Ao ministrar suas aulas de arte, você contempla todas as áreas, ou você trabalha apenas com sua área de formação?

R: Como não tenho formação na área apenas contexto histórico com apoio audiovisual.

8)No caso de trabalhar com todas as áreas, de que maneira você aborda a linguagem teatral nas suas aulas?

R: História do teatro, peças, e tento colocar em prática com os alunos.

9)O CEEBJA – CIC costuma promover apresentações de grupos teatrais?

R: Não presenciei nenhum em quanto estive lá.

10)Você já levou seus alunos ao teatro?

R: Sim.

11)A arte está no currículo, mas diante da exigência nas avaliações e cobranças burocráticas, como conciliar os processos artísticos, o potencial criativo dos alunos, a liberdade de criação, com este currículo, em relação ao tempo da aula e a quantidade de aula?

R: São muitos valores a considerar para que a escola atinja a premissa da construção do conhecimento equilibrado das práticas e da forma como avaliar o aluno ou a compreensão do mesmo e como pode afetar na vida escolar dos alunos e promover reflexos na prática do professor.

12)No decorrer das suas aulas você vincula teoria à prática quando trabalha com uma linguagem diferente da sua de formação?

R: Não faço práticas fora da linguagem que domino, apenas arte visual.

13)Por se tratar do Ensino Médio e ser um público diferenciado, qual a relação que você tem com seus alunos?

R: O ensino médio proporciona uma melhor leitura crítica da sociedade e do mundo em que vive o aluno através da arte.

Professor 05

1)Qual seu nome completo? Qual sua formação acadêmica? E quando começou a trabalhar na Rede Estadual de Ensino?

R: Eliane Silva dos Santos.

Formação: Educação Artística com Licenciatura em música.

Pós graduação em Arte Educação e metodologias do ensino superior.

Comecei em 1989 por 2 anos parei e retornei em 2002 até hoje.

2)Qual foi a motivação para a escolha da docência? (influência familiar, retorno financeiro, realização pessoal, etc.).

R: A motivação foi que eu queria estudar Faculdade, mas não podia pagar. Então sobrou a música que eu já sabia, e fui fazer a Faculdade de Música do Paraná (hoje a FAP).

3)Por que escolheu a área de arte?

R: Na minha casa meus parentes e meu pai já eram músicos e eu escutava muitas bandas desde pequena. Meu pai passeava conosco nos museus e explicava as histórias também.

4)Tem preferência por alguma série ou faixa etária?

R: Com certeza eu prefiro o ensino médio.

5)Você exerce alguma atividade artística? Qual?

R: Sim. Dentro do possível, procuro trabalhar atividades diferenciadas em artes visuais, dança, teatro e música. Nas artes visuais procuro trabalhar recortes em papéis coloridos. Dança: já fiz dança circular e folclórica. Teatro: teatro de sombras. Música: seminários em que eles levam os instrumentos musicais.

6)Quando e como a você começou a trabalhar no CEEBJA – CIC?

R: Comecei mais ou menos em 2009. Nas Apeds e depois na sede.

7)Ao ministrar suas aulas de arte, você contempla todas as áreas, ou você trabalha apenas com sua área de formação?

R: Contemplo todas as áreas.

8)No caso de trabalhar com todas as áreas, de que maneira você aborda a linguagem teatral nas suas aulas?

R: Faço jogos teatrais rápidos para o horário da aula no mesmo dia e também trabalho teatro de sombras e Teatro de fantoches.

9)O CEEBJA – CIC costuma promover apresentações de grupos teatrais?

R: Fazíamos na sala de aula mesmo.

10)Você já levou seus alunos ao teatro?

R: Já levei ao teatro e faço questão de levar aos Museus também.

11)A arte está no currículo, mas diante da exigência nas avaliações e cobranças burocráticas, como conciliar os processos artísticos, o potencial criativo dos alunos, a liberdade de criação, com este currículo, em relação ao tempo da aula e a quantidade de aula?

R: A Avaliação em arte tem que ser diferenciada sempre. O Processo de criação e

participação, mostram o desenvolvimento desse educando.

12)No decorrer das suas aulas você vincula teoria à pratica quando trabalha com uma linguagem diferente da sua de formação?

R: Sempre. Uma teoria básica e resumida , depois a prática.

13)Por se tratar do Ensino Médio e ser um público diferenciado, qual a relação que você tem com seus alunos?

R: Relação amigável mas autoritária. Imponho o respeito e depois vou liberando aos poucos pois vou precisar trabalhar atividades diferenciadas com eles.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO COM A DIRETORA DO CEEBJA – CIC

1)Qual seu nome completo? Qual sua formação acadêmica? E quando começou a trabalhar na Rede Estadual de Ensino?

R: Walliana Takasaki Costa, formada em Licenciatura em Ciências Biológicas – UFPR, comecei a trabalhar em 1998 como CLT.

2)Quando e como você começou a ser a diretora do CEEBJA?

R: Em 2006 assumi como Diretora-Auxiliar e em 2009 a diretora anterior se afastou, sendo assim assumi a Direção Geral desde então.

3)Quando o CEEBJA foi inaugurado? Você estava presente nesta inauguração? Caso tenha participado da inauguração, o que se lembra dela?

R: O CEEBJA CIC foi fundado em 1997, ainda não trabalhava nesta instituição, comecei como professora de Ciências em 2004 nas turmas de PAC – Postos Avançados do CEEBJA CIC.

4)Você foi a primeira diretora desta escola? Quais eleições já disputou? Quais foram seus maiores desafios para fazer a escola funcionar?

R: Não, tiveram 03 antecessoras. Já passei por eleições em 2006 como Vice, 2009 como Geral, 2012, 2016 e 2021. Desafios são inúmeros, mas o maior e fazer com que a Educação de Jovens e Adultos seja vista e tratada com respeito, tanto pelos órgãos responsáveis como para a sociedade que ainda discrimina os educandos da EJA.

5)Qual é o público do CEEBJA – CIC?

R: Na sua maioria adultos trabalhadores, pais e mães de família, alunos de inclusão e atualmente uma grande faixa de alunos adolescentes egressos do regular.

6)Como acontece o ingresso do estudante nesta modalidade de Ensino CEEBJA?

R: A matrícula na EJA a partir de 2021 ocorre de forma on-line pela AREA DO ALUNO pelo site da SEED, ou presencialmente, pois muitos alunos possuem dificuldade com acesso a tecnologia.

7)Nestes anos todos de história do CEEBJA - CIC, quais foram, em sua opinião, suas maiores realizações, tanto no campo de construção (parte física), como no campo pedagógico?

R: O primeiro fato marcante na história do CEEBJA CIC foi em 2009, quando se desfez a parceria do SESI com a SEED, o que causou uma série de transtornos principalmente na esfera de estrutural, pois o CEEBJA teve na época que sair às pressas das instalações do SESI, causando muita angústia e incertezas quanto ao futuro da instituição, porém em julho de 2009 conseguimos uma sede locada para escola, onde foi a primeira vez que tivemos o nome da escola na fachada do prédio. Quanto ao pedagógico, ao longo destes anos a oferta da EJA do Paraná mudou muito, e como toda mudança foi necessário muito estudo e comprometimento para que a EJA e a nossa instituição não fosse *dissolvida* frente às dificuldades.

8)Em 2020, quantos alunos a escola tem matriculado, qual o número de funcionários administrativos e de professores?

R: Em 2020, cerca de 1.800 alunos, 40 funcionários entre Ag. Educacionais I e II e 150 professores.

9)Em relação ao início da escola, ou início da sua gestão, comparando com 2020, vem ocorrendo crescimento pela procura para matrícula de alunos, bem como de funcionários?

R: Sim, graças a uma gestão democrática e com olhar diferenciado aos educandos o CEEBJA CIC se tornou referência na Educação de Jovens e Adultos, onde observamos que tanto os alunos nos procuram para terminar os estudos como os profissionais da educação buscam trabalhar conosco.

10)Como é a relação entre a escola e a comunidade do CEEBJA - CIC?

R: Em 2020 mudamos para o novo endereço, em plena pandemia, o que dificultou a interação, porém em 2021 já estreitamos os laços com comunidade local e gradativamente estamos ampliando esta relação.

11)Tem algum caso interessante que aconteceu nestes anos que você é diretora da escola que a tenha marcado?

R: Temos várias histórias interessantes e nos gratificam, desde um ex-aluno nos convidar para sua formatura em Direito e se transformar em um “Amigo da escola”, até uma aluna que em evento da escola foi descoberta, e seu talento foi reconhecido, pois compôs uma música e interpretou sobre Zumbi dos Palmares, vencendo um concurso estadual. A premiação foi além de ir na Assembleia Legislativa do Paraná, ganhou uma passagem e visita ao Museu Afro-Brasil no parque Iberapuera em SP.

12)Qual é o órgão mantenedor do CEEBJA – CIC? Como funciona esta relação com a escola?

R: SEED- Secretaria de Estado da Educação, Núcleo de Curitiba – Setor Pinheirinho. Relação de parceria mutua.

13)O CEEBJA – CIC, promove ações artística e culturais para trazer para o ambiente escolar discussões que ampliem o repertório de aprendizagem dos estudantes?

R: As atividades extracurriculares é uma tônica da gestão no processo ensino-aprendizagem, pois sabemos da importância na diversificação didática na EJA. Realizamos diversos eventos ao longo destes anos. Além das Semanas Culturais, realizamos o Festival da Equipe Multidisciplinar do CEEBJA CIC, realizada em 3 edições na Praça Zumbi dos Palmares, Encontro dos Educandos e Educadores do CEEBJA CIC no teatro Guaíra, e as Caminhadas da Primavera, realizadas no parques da cidade, o último realizado em 2019 na parque Passaúna.

14)Como gestora de que maneira você enxerga a arte na escola?

R: De suma importância para que o educando adulto que não teve oportunidade de acesso tanto aos conteúdos da disciplina bem como de se expressar artisticamente ao longo da vida. Incentivamos a participação deles em espaços culturais, como museus, teatros, exposições artísticas, festivais, etc.

ANEXO 3**QUESTIONÁRIO COM ESTUDANTES DA DISCIPLINA DE ARTE DO
CEEBJA – CIC****Estudante 01**

R: Janaine de Camargo dos santos

1)Qual sua idade?

R: 25 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Novo mundo

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

(X) Sim () Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-(X) Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos
c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Eu parei de estudos por que estava grávida

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Voltei a estudar para terminar os estudo

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Faz uma faculdade

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Foi a melhor experiência que eu tive na minha vida.

Estudante 02

R: Bruna Letícia dos Santos

1)Qual sua idade?

R: 18 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Capão Raso

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

() Sim (X) Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-() Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Não abandonei, mudei de colégio

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Estudar é importante

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Trabalhar e abrir minha empresa

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

(X) Sim () Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Bom foi incrível porque eles se expressam e a arte é linda.

Estudante 03

R: Valdirene Vilarino dos Santos

1)Qual sua idade?

R: 24 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Uberaba

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

Sim Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a- Até um salário mínimo b- De um a dois salários mínimos

c- De três a quatro salários mínimos d- Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Engravidei e tive que me cuidar

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Ter uma oportunidade de trabalho melhor

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Terminar o Ensino Médio e fazer algum curso

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

Sim Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

Sim Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Não assisti

Estudante 04

R: Thayane Ribeiro Mota

1)Qual sua idade?

R: 22 anos

2)Qual seu gênero?

Feminino Masculino Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Pinheirinho

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

Sim Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a- Até um salário mínimo b- De um a dois salários mínimos

c- De três a quatro salários mínimos d- Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Trabalho

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Proposta de emprego melhor

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Fazer uma faculdade de pedagogia

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

() Sim (X) Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Não assisti

Estudante 05

R: Jennefer Mendieta Da Costa

1)Qual sua idade?

R: 19 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Fazendinha

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

() Sim (X) Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-() Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Preguiça

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Pensar no meu futuro

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Um futuro melhor

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

() Sim (X) Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Nunca assistiti

Estudante 06

R: Thais Fernanda Peixoto

1)Qual sua idade?

R: 32 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino ()Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Capão Raso

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

(X) Sim () Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-(X) Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-()Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Gravidez precose

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Melhor colocação no mercado de trabalho

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Entrar na faculdade

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

(X) Sim () Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Foi empolgante, e cada peça um sentimento único e envolvente com o enredo.

Estudante 07

R: Samilli Carneiro Santos

1)Qual sua idade?

R: 19 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: João Bastianick, 221

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

() Sim (X) Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-(X) Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salários mínimos

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Trabalho.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Faculdade que pretendo fazer.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Me formar.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

() Sim (X) Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Não

Estudante 08

R: Gabriel

1)Qual sua idade?

R: 19 anos

2)Qual seu gênero?

() Feminino (X) Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Barigui - CIC

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

() Sim (X) Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

- a- Até um salário mínimo b- De um a dois salários mínimos
c- De três a quatro salários mínimos d- Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Desgosto pela cultura da região onde classificam estrangeiros como problema.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Amor pelo conhecimento.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Me formar em programação e publicidade.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

Sim Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

Sim Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Emocionante, a maneira como foi desempenhada a história foi fasciante e envolvente.

Estudante 09

R: Rogerio Saturnino do Nascimento

1)Qual sua idade?

R: 42

2)Qual seu gênero?

Feminino Masculino Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Vitória Régia - CIC

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

Sim Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

- a- Até um salário mínimo b- De um a dois salários mínimos
c- De três a quatro salários mínimos d- Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Perdi minha mãe muito cedo, precisei trabalhar para me sustentar e deixei os estudos.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Trabalho.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Fazer uma especialização na minha area de Metalúrgica.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Assisti uma peça de teatro, me trouxe a experiencia de interagir na apresentação, fiquei envergonhado, mas valeu a experiência.

Estudante 10

R: Thais Silva Passos

1)Qual sua idade?

R: 19 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R:Tatuquara

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

() Sim (X) Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-(X) Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-()Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Morava muito longe do lugar onde estava matriculada.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Terminar os estudos para conseguir um emprego melhor.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Arrumar um emprego bom, fazer um curso, uma faculdade.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Foi legal, tinha marionetes e a forma como foi apresentada me chamou muita atenção, foi uma peça bem feita, bem elaborada.

Estudante 11

R: Pedro Cesar Cardoso

1)Qual sua idade?

R: 21 anos

2)Qual seu gênero?

() Feminino (X) Masculino ()Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Agua Verde.

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

() Sim () Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-() Até um salário mínimo b-(X) De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-()Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Trabalhar.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Faculdade.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Concurso para ESA.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

(X) Sim () Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R:Foi ótima.

Estudante 12

R: Juciane Santana Cardoso.

1)Qual sua idade?

R: 40 anos.

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Novo Mundo.

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

() Sim (X) Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-() Até um salário mínimo b-(X) De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Casei muito cedo, filhos e casa, deixei os estudos em segundo plano.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Ter um faculdade voltada a area que escolhi gastronomia.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Se tomar uma chefe ou nutricionista.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Romeu e Julieta, muito bom.

Estudante 13

R: Ethiene Cristina Hernandez Santana.

1)Qual sua idade?

R: 41 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: CIC

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

(X) Sim () Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-(X) Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Trabalho.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Terminar o Ensino Médio.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Fazer curso.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

() Sim (X) Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Não assisti

Estudante 14

R: Sandra Carneiro.

1)Qual sua idade?

R: 41 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Fazendinha.

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

(X) Sim () Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-(X) Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Tive que trabalhar e não tinha tempo.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Concluir o Ensino Médio.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Me formar.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

(X) Sim () Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Foi boa.

Estudante 15

R: Michael Ferreira Kruczkovski

1)Qual sua idade?

R: 30 anos

2)Qual seu gênero?

() Feminino (X) Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Santa Quitéria.

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

() Sim (X) Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-(X) Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Eu queria trabalhar e estudar. Ficou muito difícil fazer os dois juntos então optei pelo trabalho.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Ter a oportunidade de fazer uma faculdade e conquistar trabalho e cargos melhores.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Concluir o Ensino Médio para dar início a uma Faculdade.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

Sim Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

Sim Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Nunca assisti.

Estudante 16

R: Jennifer Mendieta Da Costa

1)Qual sua idade?

R: 19 anos.

2)Qual seu gênero?

Feminino Masculino Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Fazendinha.

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

Sim Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a- Até um salário mínimo b- De um a dois salários mínimos

c- De três a quatro salários mínimos d- Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Preguiça.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Pensar no futuro

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Um futuro melhor.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

Sim Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

Sim Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Nunca assisti.

Estudante 17

R: Zilda Anderle Ribas

1)Qual sua idade?

R: 55 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Capão Raso.

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

() Sim (X) Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-(X) Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: O principal motivo foi que quando poderia ter feito não tinha em minha cidade e quando fiz parei no segundo e não retornei. O tempo passou precisei muito ter o ensino médio para conseguir até fazer um concurso mas sempre trabalhando, ocupada com a casa, com os filhos, faltou incentivo, vontade e motivação, agora fez muita falta.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Foi para tentar me recolocar no mercado com uma oportunidade melhor.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Melhor conhecimento, uma colocação melhor no mercado.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Foi muito interessante ver como os atores de teatro se entregam e nós que estamos assistindo passa a ser uma história real cheia de emoções e risos.

Estudante 18

R: Solange Mitmann Moreira.

1)Qual sua idade?

R: 45 anos.

2)Qual seu gênero?

Feminino Masculino Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: CIC

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

Sim Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a- Até um salário mínimo b- De um a dois salários mínimos

c- De três a quatro salários mínimos d- Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Eu me casei com 16 anos e não quis continuar os estudos.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Buscar conhecimento.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Fazer um curso técnico.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

Sim Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro? *

Sim Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Gostei, achei bem interessante.

Estudante 19

R: Sara Horrana Ribeiro dos Santos

1)Qual sua idade?

R: 21 anos

2)Qual seu gênero?

Feminino Masculino Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Tatuquara

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

(X) Sim () Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-(X) Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Abandono, depois engravidei.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Trabalho.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Fazer Faculdade.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Ótima.

Estudante 20

R: Murilo

1)Qual sua idade?

R: 34 anos

2)Qual seu gênero?

() Feminino (X) Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Sítio Cercado.

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

() Sim (X) Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-() Até um salário mínimo b-(X) De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Para trabalhar.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Para termina e aprender.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Terminar os estudos.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

(X) Sim () Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Foi uma peça de teatro na Escola Ceeja Cic, no mês 11 de 2019. Tivemos um bom aproveitamento, todos os alunos. O teatro foi para comemorar o aniversário de um dos mais antigo artista local. Foi uma experiência bastante importante para o meu conhecimento.

Estudante 21

R: Alessandra de Barros Cirirno.

1)Qual sua idade?

R: 18 anos

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Jardim da Ordem.

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

(X) Sim () Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-() Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Foi falta de vontade eu sempre gostei de estudar, ai chegou um tempo que eu desanimei.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Falta de trabalho

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Quero um ótimo futuro para o meu filho.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

() Sim (X) Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Nunca assisti.

Estudante 22

R: Deisiele cristina Vieira Roberto.

1)Qual sua idade?

R: 27 anos.

2)Qual seu gênero?

(X) Feminino () Masculino () Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: ?

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

(X) Sim () Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a-() Até um salário mínimo b-() De um a dois salários mínimos

c-() De três a quatro salários mínimos d-() Acima de quatro salários mínimos

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Falta de interesse.

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: É necessário estudar.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Um emprego melhor.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

() Sim (X) Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

(X) Sim () Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua

experiência:

R: Faz muito tempo quando era adolescente. E foi muito legal e lindo, pois era uma peça de dança. Adoro dançar.

Estudante 23

R: Letícia

1)Qual sua idade?

R: 19 anos.

2)Qual seu gênero?

Feminino Masculino Outro:

3)Qual bairro que você mora?

R: Portão.

4)Você participa de algum programa de ajuda governamental?

Sim Não

5)Você exerce atividade remunerada? Se sim, qual sua faixa de renda?

a- Até um salário mínimo b- De um a dois salários mínimos

c- De três a quatro salários mínimos d- Acima de quatro salário mínimo

6)Qual o principal motivo que o levou a abandonar seus estudos?

R: Trabalho

7)Qual foi o principal motivo que fez com que retornasse à escola?

R: Quero cursar a faculdade.

8)Qual sua pretensão futura ao continuar os estudos?

R: Cursar Faculdade de Psicologia.

9)Você já participou de atividade teatral na escola ou fora dela?

Sim Não

10)Você já assistiu uma peça de teatro?

Sim Não

11)Caso já tenha assistido a uma peça de teatro, comente como foi sua experiência:

R: Nunca assisti.